

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Ana Luiza Pellegrini Vergueiro

Os sonhos telepáticos e precognitivos nas *Cartas* de Jung

ESPECIALIZAÇÃO ABORDAGEM JUNGUIANA

São Paulo

2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Ana Luiza Pellegrini Vergueiro

Os sonhos telepáticos e precognitivos nas *Cartas* de Jung

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para a obtenção de título de Especialista na Abordagem Junguiana sob a orientação da Profa. Dra. Ivelise Fortim de Campos.

São Paulo

2021

Resumo

Vergueiro, Ana Luiza Pellegrini. **Os sonhos telepáticos e precognitivos nas Cartas de Jung**, São Paulo, 2021.

A presente monografia é uma contribuição voltada ao tema “sonhos”, com base na psicologia analítica. As experiências pessoais de Jung com os sonhos compuseram um pano de fundo para demonstrar como eles anteciparam e acompanharam o desenvolvimento de sua obra em paralelo à sua vida. O objetivo deste trabalho visou estudar os sonhos telepáticos e precognitivos nos três volumes das *Cartas*, de Jung. Para tanto, foram utilizadas palavras-chave a fim de selecionar as cartas cujos trechos destacados referem-se a sonhos telepáticos e sonhos precognitivos. Adicionalmente, foram levantadas as cartas acessórias, que serviram de subsídio aos comentários da análise das cartas selecionadas. A análise baseou-se nas cartas selecionadas e, de acordo com as suas datas de emissão, foram articuladas com as etapas do desenvolvimento do método construtivo sintético, a fim de situá-las no contexto da elaboração da psicologia analítica. Os resultados mostraram que as cartas selecionadas correspondem aos últimos trinta anos de vida de Jung. Nelas, não há nenhuma menção a sonhos telepáticos, há apenas uma carta sobre sonho precognitivo e as demais tratam de antecipações de fatos como doenças e morte, principalmente vinculadas a pessoas relevantes na vida de Jung. Ao analisar as cartas selecionadas, emergiu a questão da relatividade do tempo e do espaço, bem como a investigação das percepções extrassensoriais, sobretudo a precognição, indicando uma ligação dos sonhos telepáticos e precognitivos com o conceito de sincronicidade.

Palavras-chave: psicologia analítica; sonhos; sonhos premonitórios; telepatia; precognição; cartas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUNG: VIDA E OBRA SONHADAS	12
3 ASPECTOS TEÓRICOS DOS SONHOS TELEPÁTICOS E PRECOGNITIVOS... ..	23
3.1 Sonhos não-compensatórios na psicologia dos sonhos de Jung	23
3.2 Os sonhos e os fenômenos psíquicos na visão de Freud	40
4 MÉTODO	49
5 ANÁLISE DOS SONHOS TELEPÁTICOS E PRECOGNITIVOS NAS CARTAS DE JUNG	53
5.1 Análise descritiva.....	53
5.2 Análise compreensiva	57
5.2.1 Cartas da etapa da “Revisão, ampliação, e consolidação do paradigma” (1930-1949)	59
5.2.2 Cartas da etapa da Síntese Final (1950-1961)	72
5.3 Discussão dos resultados.....	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	90
ANEXO A – Tabela das cartas acessórias (24 cartas).....	92



Fonte: Marc Chagall, O sonho de Jacó, 1963.

Jacó, partindo de Bersabéia, tomou o caminho de Harã. Chegou a um lugar, e ali passou a noite, porque o sol já se tinha posto. Serviu-se como travesseiro de uma das pedras que ali se encontravam, e dormiu naquele mesmo lugar. E teve um sonho: Via uma escada que, apoiando-se na terra, tocava com o cimo o céu; e anjos de Deus subiam e desciam pela escada. No alto estava o Senhor, que lhe dizia: Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai e o Deus de Isaac; darei a ti e à tua descendência a terra em que estás deitado. Tua posteridade será tão numerosa como os grãos de poeira no solo; tu te estenderás para o ocidente e para o oriente, para o norte e para o meio-dia, e todas as famílias da terra serão benditas em ti e em tua posteridade. Estou contigo, para te guardar onde quer que fores, e te reconduzirei a esta terra, e não te abandonarei sem ter cumprido o que te prometi. (Gen. 28,10-19).

1 INTRODUÇÃO

O sonho é, conforme sabem, um fenômeno natural. Não é fruto de uma intenção. Não podemos explicá-lo a partir de uma psicologia que provém da *consciência*. Trata-se de um modo específico de funcionamento que não depende da vontade e do desejo, da intenção ou do objetivo do Eu humano. É um acontecimento não intencional assim como todos os acontecimentos da natureza. Não podemos deduzir que o céu se cobre de nuvens para nos irritar, e sim, a coisa simplesmente acontece dessa forma. A dificuldade, entretanto, é como *assimilamos* esse acontecimento natural. (JUNG, 2011, p. 16).

A associação entre Jung e sonhos não é livre, é claramente obrigatória. O tema “sonhos” é recorrente na obra de Jung e há muitas menções a sonhos de pacientes, cientistas, crianças, personagens bíblicos e da literatura, pessoas conhecidas de Jung, outras desconhecidas e dele mesmo. Em termos dos sonhos de Jung, muitos deles anunciaram questões com as quais ele se ocupou profundamente e que deram origem a livros que compõem a sua obra. Em *Memórias, sonhos e reflexões*, Jung (1978, p. 187) escreve: “[...] todos os problemas que me preocupavam humana ou cientificamente foram antecipados ou acompanhados por sonhos.”

A utilização dos sonhos em um trabalho pode parecer, à primeira vista, uma escolha repetitiva se considerarmos que, há muito tempo, esse é um tema bem conhecido e divulgado no campo da Psicologia, inclusive tendo sido bastante investigado por diversos pesquisadores da psicologia analítica. No entanto, embora seja uma temática frequente como objeto de muitas pesquisas baseadas na obra de Jung, não significa que sua importância tenha diminuído ou que o seu estudo tenha sido esgotado. Pelo contrário, em se tratando de conhecimento científico, acreditamos que haverá sempre mais uma gota que se pode apreender frente ao oceano do que ainda ignoramos.

A fim de ilustrar tal ponto, uma das muitas contribuições sobre os sonhos, no Brasil, para a área da psicologia analítica, encontra-se nos livros de Marion R. Gallbach: *Sonhos e gravidez*¹ e *Aprendendo com os sonhos*². Outro livro pertinente

¹ GALLBACH, M.R. **Sonhos e gravidez**: iniciação à criatividade feminina. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

² GALLBACH, M. R. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2000.

ao tema é *Sonhos na Psicologia Junguiana*³, organizado por Durval L. Faria, Laura V. de Freitas e Marion R. Gallbach, no qual estão reunidos trabalhos sobre sonhos de alguns renomados estudiosos da abordagem junguiana, provenientes do “Seminário sobre Sonhos”, ocorrido em 2013, no Núcleo Junguiano do Programa de Estudos Pós-graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Na introdução de *Sonhos na Psicologia Junguiana*, reconhece-se o pronunciado papel dos sonhos na prática clínica e a contribuição de Jung para o seu entendimento:

Jung foi um dos pioneiros no estudo dos sonhos, e sua obra reflete a importância que ele dá ao trabalho com eles na psicoterapia, tendo desenvolvido uma maneira própria de concebê-los e utilizá-los na prática. (FARIA, FREITAS e GALLBACH, 2014, p. 9).

Adicionalmente, é necessário salientar que não é simples localizar todas as ideias de Jung relativas a sonhos, pois elas se encontram espalhadas por toda a sua vasta obra composta de vários tipos de publicações. Como exemplo de um meritório esforço de sistematização desse imenso acervo acerca dos sonhos, Mary Ann Mattoon (2013) realizou uma extensa e detalhada pesquisa nas obras de Jung e reuniu todas as suas descobertas em um livro chamado *Como entender os sonhos*⁴, que será utilizado como referência para este estudo.

Do rol dos diversos tipos de publicações que reúnem os escritos de Jung, fazem parte as *Cartas* (2018a, 2018b, 2018c), uma coleção de livros que reúnem correspondências selecionadas de Jung. Em 1962, as *Cartas* começaram a ser organizadas por um comitê composto por Marianne Niehus-Jung (filha de Jung), Gerhard Adler e Aniela Jaffé, somando mais de mil cartas distribuídas em três volumes que compreendem o período de 1906 a 1961. Tais cartas dizem respeito à comunicação escrita de Jung com vários tipos de pessoas como Sigmund Freud, Mircea Eliade, Jolande Jacobi, Erich Neumann, para citar alguns dentre outros notáveis intelectuais, além de religiosos, cientistas, até destinatários não identificados. Em vista desse material, os sonhos também se incluem nos assuntos de interesse das cartas sendo que, em algumas delas, Jung analisa sonhos tanto de

³ FARIA, D. L.; FREITAS, L. V. de; GALLBACH, M. R. (orgs.). **Sonhos na Psicologia Junguiana**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

⁴ MATTOON, M. A. **Como entender os sonhos**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

outras pessoas quanto dele mesmo e, em outras tantas, refere-se a diversos aspectos teóricos relacionados aos sonhos.

Nosso objetivo, neste trabalho, será estudar o tema “sonhos” realizando uma revisão teórica com base no que Jung disse a esse respeito nos três volumes das *Cartas*. Todavia, trata-se, por um lado, de um tema muito amplo e, por outro, de um material cujo volume total ultrapassa mil cartas. A fim de circunscrever nosso objetivo dentro do universo do tema “sonhos” e do material das *Cartas*, elegemos uma categoria especial para ser investigada como objetivo específico deste estudo: os sonhos telepáticos e os sonhos precognitivos.

Apesar de Jung (2020a, p. 202, § 487) ter afirmado que os sonhos “[...] comportam-se como compensações da situação da consciência em determinado momento [...]”, existem alguns sonhos que se diferem, pertencendo ao conjunto dos sonhos não-compensatórios. Adotaremos a terminologia “sonhos não-compensatórios” com base na classificação de Mattoon (2013), que distingue quatro tipos de sonhos não-compensatórios: sonhos prospectivos, sonhos traumáticos, sonhos extrassensoriais (telepáticos) e sonhos proféticos (equivalentes aos precognitivos ou precógnitos). Diz a autora que “[...] o sonho não-compensatório é incomum e deve ser interpretado como tal somente depois de as possibilidades de compensação terem sido completamente investigadas.” (MATTOON, 2013, p. 208). As palavras “precógnito” e “precognitivo” são sinônimas e, no *Índice analítico* das *Cartas*, constam os termos “sonho precógnito” e “sonho premonitório”, porém não aparece a qualificação “sonho profético”, que vamos considerar sinônimo de “sonho precógnito”, tampouco o termo “sonho telepático”. No presente estudo, os termos “sonho precógnito” e “sonho telepático” serão tomados como “sonho premonitório”.

Os sonhos traumáticos, que se referem a eventos passados que são revividos recorrentemente nos sonhos de um indivíduo, embora pertençam ao grupo dos sonhos não-compensatórios, não serão tratados neste trabalho porque não concernem a situações do sonhador ligadas ao futuro ou a situações ainda não conhecidas.

Os sonhos prospectivos, ou antecipatórios de uma direção ou de um desenvolvimento da consciência, são os mais comuns entre os sonhos não-compensatórios, porém Mattoon (2013, p. 246) alerta que “[...] a interpretação prospectiva só é admissível quando a compensatória não parece válida.” Esses

sonhos também podem ser confundidos com os sonhos proféticos (precognitivos), porque parecem antecipar eventos futuros; todavia, Jung (2020a, p. 206, § 493) adverte que eles são tão proféticos quanto “[...] um prognóstico médico ou meteorológico.”

Como foi dito, nosso interesse particular se concentrará nos sonhos telepáticos e nos sonhos precognitivos. Hall (2019) afirma que, conforme apontado nas pesquisas realizadas por Louise Rhine, os sonhos que predizem o futuro (sonhos precognitivos) ou que contêm informações desconhecidas do sonhador em vigília (sonhos telepáticos ou precognitivos) estão relacionados a eventos parapsicológicos. Segundo Mattoon (2013), os sonhos extrassensoriais dependem do tipo de evento parapsicológico em que se baseiem. No caso de percepções extrassensoriais devidas à telepatia, os sonhos são denominados telepáticos e quando envolvem a precognição, são chamados de sonhos proféticos (precógnitos ou precognitivos).

Tais fenômenos extrassensoriais – telepatia e precognição – são equiparados a fenômenos sincronísticos, ou das “coincidências significativas” e, por essa razão, outra particularidade desses sonhos repousa no fato de que remetem ao singular tema do final da vida e obra de Jung: a sincronicidade.

Na elaboração do conceito de sincronicidade, Jung trabalhou juntamente com o eminente físico Wolfgang Pauli, extrapolando a Psicologia e procurando nas descobertas da Física o amparo para as suas ideias. Outro distinto cientista que influenciou Jung no desenvolvimento do conceito de sincronicidade foi o Dr. Joseph B. Rhine, o qual contribuiu com os seus achados nas pesquisas sobre as percepções extrassensoriais, realizadas na Universidade de Duke, nos Estados Unidos. Na década de 1930, Jung iniciou uma troca de correspondência com os dois cientistas demonstrando o interesse comum na pesquisa que conduziu Jung à produção do conceito de sincronicidade.

Conforme exposto em *Memórias, sonhos e reflexões*, Jung (1978) relata muitas experiências pessoais (tanto em sonhos como em outras situações) relacionadas a fenômenos extrassensoriais que permearam sua vida. Particularmente, dois eventos desse tipo, ocorridos em sua casa quando ele era jovem, ficaram famosos. Além de estarem descritos em *Memórias, sonhos e reflexões*, tais acontecimentos foram descritos por Jung (2018a) ao Dr. J. B. Rhine,

cientista norte-americano e pesquisador dos fenômenos parapsicológicos, em uma carta de 27 de novembro de 1934. Trata-se de dois fatos inexplicáveis que aconteceram mediante condições semelhantes e em datas próximas no ano de 1898: um deles diz respeito a uma faca que explodiu e o outro se refere ao tampo de uma antiga mesa de carvalho que se partiu.

Atualmente, o tema da sincronicidade continua sendo intrigante e o vanguardismo do conceito talvez tenha impedido Jung de expor mais cedo as suas ideias a respeito, o que foi feito apenas nos anos mais avançados de sua vida com a publicação do ensaio *Sincronicidade: Um princípio de conexões acausais*⁵, em 1952.

Sonhos por meio dos quais emergem informações desconhecidas do sonhador ou que anteveem o futuro não são novidade na história da humanidade e surgem em diversos campos da vida. Em nosso cotidiano, é comum ouvirmos alguém contar de um sonho que tenha antecipado um determinado acontecimento, principalmente um caso de morte ou doença. No que tange aos avanços da própria ciência, há muitos sonhos que anunciaram descobertas científicas significativas como o famoso sonho do químico alemão Kekulé, que lhe inspirou a fórmula do benzeno. Outrossim, na Bíblia são narrados sonhos proféticos, tais como os sonhos do faraó, que foram interpretados por José do Egito⁶. No entanto, embora os sonhos desse tipo já tenham sido tratados como algo sobrenatural, eles podem ser explicados pela hipótese da sincronicidade, de acordo com a visão de Jung.

Porém, não foi somente Jung que se interessou pelos fenômenos extrassensoriais e pelos sonhos. Freud também os estudou e produziu três escritos específicos sobre a telepatia. O primeiro chama-se *Psicanálise e Telepatia*, escrito em 1921, e o segundo recebe o nome de *Sonhos e Telepatia*, de 1922. Ambos foram publicados somente vinte anos depois de sua morte. Em *Psicanálise e Telepatia*, são analisadas profecias não realizadas e em *Sonhos e Telepatia*, Freud analisou o sonho premonitório de um pai com sua filha. O terceiro texto chama-se *Sonhos e Ocultismo*, de 1933, no qual Freud propõe que o processo telepático seja comparado a uma comunicação telefônica, consistindo de um ato mental que se realiza em uma pessoa e aparece em outra.

⁵ JUNG, C. G. **Sincronicidade**. O.C. 8/3. Petrópolis: Editora Vozes, 2020f.

⁶ A história de José do Egito aparece no livro do Gênesis, na Bíblia, a partir do Capítulo 37. Após ser vendido pelos irmãos e escravizado, José alcançou certo prestígio no Egito graças à sua habilidade de interpretar sonhos, sendo convidado pelo próprio faraó a ajudá-lo a entender o que havia sonhado.

Além dos sonhos telepáticos e precognitivos terem sido preferidos como a categoria específica de estudo nas *Cartas*, pretendemos levar em conta as datas das cartas selecionadas articulando, em uma perspectiva cronológica, as ideias sobre sonhos telepáticos e precognitivos que nelas são tratadas. Dessa maneira, procuraremos compreender o que está sendo abordado a respeito desses tipos de sonhos nas cartas, situando-as o contexto da etapa de desenvolvimento da obra de Jung a que cada carta se relaciona. Para tanto, iremos estabelecer a correspondência da data em que a carta foi escrita com as etapas do desenvolvimento do método construtivo sintético, de acordo com a proposta de Penna (2013).

Em suma, considerando a especial importância dos sonhos para Jung, as *Cartas* de Jung foram escolhidas para este trabalho porque compõem uma parte menos conhecida de sua obra que pode ser caracterizada como complementar e acessória. Além disso, as *Cartas* formam um conjunto de escritos de caráter científico, porém, menos formal. Dessa maneira, junto a esse material almejamos pesquisar e contribuir, eventualmente, com algum tipo de informação suplementar sobre o tema sonhos, destacando especificamente os sonhos telepáticos e precognitivos, e tendo em mente a data em que as cartas foram redigidas por Jung a fim de situar as ideias nelas contidas dentro do contexto da etapa de desenvolvimento da obra de Jung à qual as cartas se relacionam.

Ademais, os sonhos telepáticos e os sonhos precognitivos constituem o foco principal de nosso interesse por entendermos que o sobrenatural é apenas “[...] o natural ainda não conhecido [...]” (PIRES, 2005, p. 26) e por admitirmos que a sincronicidade, como hipótese proposta por Jung, consiste em uma possibilidade de oferecer-lhes um princípio explicativo. Secundariamente, também somos motivados a debruçar sobre esses sonhos por causa de nossa vivência pessoal com ocorrências dessa natureza, cujas características peculiares produzem forte impacto emocional e instigam a pensar “para quê” tais eventos servem em nossas vidas.

A seguir, iremos desenvolver o objetivo deste estudo em quatro capítulos. No segundo capítulo, iremos prover um pano de fundo salientando alguns fatos biográficos a fim de ilustrar a experiência de Jung com seus próprios sonhos que anteciparam problemas e motivaram o desenvolvimento de sua produção acadêmica paralelamente à sua vida pessoal. No terceiro capítulo, faremos uma exposição

teórica sobre os sonhos telepáticos e precognitivos situando-os no universo dos sonhos não-compensatórios, segundo a terminologia de Mattoon (2013) e de acordo com a psicologia dos sonhos de Jung. Em seguida, faremos algumas considerações sobre a participação dos fenômenos ocultos na relação entre Jung e Freud e a visão deste último a respeito de sonhos e telepatia. No quarto capítulo, iremos discorrer sobre o método proposto para realizar o estudo dos sonhos telepáticos e dos sonhos precognitivos nas *Cartas* de Jung. Por fim, no quinto capítulo iremos expor a análise das cartas selecionadas, seguida da discussão dos resultados.

2 JUNG: VIDA E OBRA SONHADAS

Hoje posso dizer que nunca me afastei de minhas experiências iniciais. Todos os meus trabalhos, tudo o que criei no plano do espírito provêm das fantasias e dos sonhos iniciais. Isso começou em 1912, há cerca de cinquenta anos. Tudo o que fiz posteriormente em minha vida está nessas fantasias preliminares, ainda que sob a forma de emoções e imagens. (JUNG, 1978, p. 170).

Jung (1978, p. 16) afirma em sua “autobiografia”, *Memórias, sonhos e reflexões*: “[...] minha vida e minha obra são idênticas [...]”. Colocamos entre aspas a palavra “autobiografia” devido ao esclarecimento de Sonu Shamdasani (1995, *apud* MIRANDA, 2021, p. 6) de que o livro *Memórias, sonhos e reflexões* deve ser lido como uma “biografia” e não como uma “autobiografia”. Uma vez feito esse apontamento, usaremos o termo “autobiografia” quando nos referirmos a *Memórias, sonhos e reflexões*.

Quando se fala em vida, logo se pensa na série de eventos e fatos marcantes que aconteceram e compõem uma biografia. No entanto, de acordo com uma declaração do próprio Jung, a vida que ele mais valorizava não era a vida exterior, mas, sim, a vida interior na qual estão incluídos os sonhos. Tanto parece ser verdade que sonhos e vida seriam equivalentes para Jung, que os sonhos fazem parte do título de *Memórias, sonhos e reflexões*. Jung exprime seu apreço à vida interior, conforme se lê abaixo,

Mesmo aquilo que em minha juventude, ou mais tarde, veio do exterior, ganhou importância, estava colocado sob o signo da vivência interior. [...] As circunstâncias exteriores não podem substituir as de ordem interior [...] só posso compreender-me através das ocorrências interiores. São as que constituem a particularidade da minha vida e é delas que trata a minha “autobiografia”. (JUNG, 1978, p. 20).

Em sua “autobiografia”, o significado da vida interior para Jung pode ser notado na utilização da linguagem simbólica quando ele se compara a um vulcão. Jung (1978) diz que, como se fosse um vulcão, tinha buscado em seu interior o magma que foi trazido à superfície, fluindo como um líquido, que é a lava. Isto é, a sua vida interior, ou o seu inconsciente, teria jorrado por meio dos sonhos à

semelhança das lavas expelidas por um vulcão em erupção. A rocha, fruto da lava cristalizada, seria sua obra que foi sendo lapidada ao longo dos anos. A rocha no exterior guardaria correspondência com o magma que fica no interior, onde, segundo ele próprio, sua vida e sua obra são indistinguíveis.

Considerando o valor da vida interior e os sonhos como sua manifestação, Jung (1978, p. 187) afirma: “[...] todos os problemas que me preocupavam humana ou cientificamente foram antecipados ou acompanhados por sonhos.” Assim, iremos ressaltar alguns sonhos que tanto são ligados ao desenvolvimento de sua obra desde os seus primórdios quanto à sua história de vida pessoal desde a infância, incluindo a presença de fenômenos extrassensoriais.

Jung teve sonhos que acompanharam vários eventos importantes de sua vida pessoal e acadêmica envolvendo desde o rompimento com Freud até conceitos importantes da psicologia analítica referentes à análise dos sonhos, aos arquétipos, ao inconsciente coletivo, ao Si-mesmo e à alquimia. São tantos sonhos significativos de Jung que poderíamos imaginar ser quase possível contar a sua história por meio de uma série de sonhos, identificando passagens singulares de sua vida associadas a eles e destacando aqueles sonhos cujos eventos foram anunciados e se confirmaram na realidade.

A vivência inaugural que enfatiza a relevância da presença capital dos sonhos na vida de Jung é o primeiro sonho de que ele diz se lembrar e que remonta à sua tenra infância. Jung (1978) narra que, aos três ou quatro anos de idade, sonhou com uma criatura enorme e de aparência assustadora, que tinha uma cabeça cônica, apenas um olho, sem rosto nem cabelos. Anos depois, ele descobriu que essa figura representava um falo ritual. Jung (1978) declara o quanto esse sonho o impactou, tendo sido objeto de sua atenção durante toda a sua vida e, cuja finalidade insuspeita até então, foi se revelando com o passar dos anos. Dessa forma, esse sonho “inaugural” já anunciara, precoce e simbolicamente, a tarefa que seria deslindada ao longo de toda vida de Jung.

Este sonho de criança iniciou-me nos mistérios da Terra. Houve nessa época, de certa forma, uma espécie de catacumba onde os anos se escoaram até que eu pudesse sair de novo. Hoje, sei que isso aconteceu para que a mais intensa luz possível se produzisse na obscuridade. Foi como que uma iniciação no reino das trevas. Nessa época principiou inconscientemente minha vida espiritual. (JUNG, 1978, p. 28).

Porém, do ponto de vista acadêmico, a atenção de Jung ao estudo dos sonhos remete ao início de sua carreira, como revela em uma carta escrita ao Prof. Pascual Jordan, em 10 de novembro de 1934. Nessa carta, Jung (2018a), relata que já vinha se dedicando aos sonhos há 35 anos, ou seja, desde 1899. Assim, podemos supor que a psicologia dos sonhos já fazia parte dos interesses do jovem médico Jung, pois ele se formou em medicina em 1900.

Segundo a informação mencionada na carta ao Prof. Jordan, Jung já se inclinava a estudar os sonhos desde 1899 e Freud publicou *A interpretação dos sonhos* em 1900, obra que contribuiu de forma disruptiva para o desenvolvimento da psicologia a partir de então. No entanto, Jung (1963) considerava-se despreparado para entender a teoria de Freud e, por isso, somente em 1903 retomou a leitura de *A Interpretação dos Sonhos*. Em fevereiro de 1907, os dois tiveram o famigerado primeiro encontro que durou treze horas, em Viena. Depois, eles trabalharam juntos e, por fim, romperam sua parceria e se afastaram em 1912.

Com relação às divergências entre Jung e Freud, destacamos dois trechos de duas cartas escritas por Jung e um de sua “autobiografia”, que são convergentes e esclarecedores. Há uma carta de 29 de maio de 1933, dirigida a Christian Jenssen, na qual Jung faz uma interessante declaração sobre sua filiação acadêmica, negando ter sido discípulo de Freud – como é frequentemente disseminado – e, inclusive, sublinhando que tal informação é equivocada:

Também gostaria de corrigir nesta oportunidade o erro de que eu provim da escola de Freud. Sou discípulo de Bleuler e já tinha algum nome na ciência, através de minhas pesquisas sobre psicologia experimental, quando tomei partido de Freud e abri propriamente a discussão – o que aconteceu em 1905. (JUNG, 2018a, p. 137).

Por outro lado, no ensejo de frisar sua “fidelidade” a Freud, Jung escreve que, na sua visão, Freud encantara-se pelo aspecto numinoso da sexualidade:

Olhando para trás, posso dizer que sou o único que prosseguiu com o estudo dos dois problemas que mais interessaram a Freud: o dos “resíduos arcaicos” e o da sexualidade. Espalhou-se o erro de que não vejo o valor da sexualidade. Muito pelo contrário, ela desempenha um grande papel em minha psicologia, principalmente como expressão fundamental – mas não a única – da totalidade psíquica. Minha preocupação essencial era, no entanto, aprofundar a sexualidade, além de seu significado pessoal e seu alcance de função biológica, explicando-lhe o lado espiritual e o sentido

numinoso. Expressa assim o que fascinara Freud, sem que este o compreendesse. (JUNG, 1978, p. 150).

Durante o período em que Jung e Freud mantiveram um relacionamento de trabalho, os sonhos também fizeram parte do cenário de discordâncias teóricas entre eles e contribuíram para o desenvolvimento da psicologia analítica. Jung havia tido um sonho em 1909, que denominou de “sonho da casa”, e sentiu uma aguda intuição sobre o seu significado, o qual apontava para uma direção diferente da interpretação de Freud.

Nesse sonho, Jung (1978) conta que se via na casa onde morava na Suíça, uma construção de duzentos anos na qual havia vários andares e cômodos, sendo que alguns deles ele desconhecia e, à medida que entrava em cada lugar da casa, sua curiosidade ia aumentando. Ele menciona que cada andar da casa equivalia a uma época da humanidade, caracterizado pelo estilo de mobília e ambientação. O primeiro andar correspondia ao século XVIII; o térreo ao século XVI ou até mais antigo; o porão levou-o aos tempos romanos e, descendo mais alguns degraus, chegou a um tipo de sepultura pré-histórica onde estavam dois crânios, ossos e cacos de cerâmica.

Freud ficou muito impressionado com os dois crânios e imaginava que o sonho significava que Jung desejaria a sua morte. No entanto, enquanto Freud tinha esse ponto de vista, Jung teve uma intuição completamente diversa a respeito, afirmando que “[...] o sonho de fato é um resumo da minha vida ou, mais especificamente, do desenvolvimento da minha mente [...]” (JUNG, 1964, p. 56), donde podemos supor que aquele sonho indicava antecipadamente como seguiria o próprio curso do pensamento de Jung.

Tal sonho fez parte do quadro que implicaria na separação de Freud e Jung. A discordância de opinião entre ambos a respeito da compreensão do sonho mencionado levou Jung a experimentar e perceber a função do fator subjetivo na análise dos sonhos, concluindo que esse episódio teria lhe servido de “[...] bom exemplo dos embaraços em que a gente se envolve no decorrer da análise real de um sonho, de tal modo são importantes as diferenças de personalidade do analista e do analisado.” (JUNG, 1964, p. 57). Assim, o sonho colocou em evidência as diferenças entre Freud e Jung quanto às suas personalidades, as quais se refletiam

em suas maneiras particulares de entendê-lo. Esse sonho também serviu de base para o livro *Tipos Psicológicos*, publicado em 1921. Para Jung, a diferença de ponto de vista entre ele e Freud devia-se às suas tipologias, que se distinguiam pelas atitudes contrárias da consciência: a introversão e a extroversão.

Ao comentar como analisava os sonhos, Jung (1978) diz que recorria a comparações históricas desde os tempos de estudante e, para tanto, usava um dicionário de filosofia. É interessante esse relato, pois mostra como o futuro método de amplificação simbólica já parecia ser um modo de pensar “habitual” de Jung, embora o termo “amplificação” tenha sido cunhado apenas em 1930. Além disso, Jung revela que esse sonho desempenhou um papel significativo relativo à origem da hipótese dos arquétipos e lhe indicou a noção de inconsciente coletivo, pois “[...] por causa desse sonho pensei, pela primeira vez, na existência de um a-priori coletivo da psique pessoal [...] Só mais tarde [...] reconheci que esses modos funcionais eram formas do instinto: os arquétipos.” (JUNG, 1978, p. 145).

Semelhante a uma “crônica de uma morte anunciada”, o sonho de 1909 preconizara a ruptura entre Jung e Freud. Em uma carta de 18 de março de 1958 ao Dr. Brody, Jung (2018c, p. 140) refere-se ao “[...] ano fatídico de 1912 [...]” como a data culminante do conflito entre os dois; posteriormente, a última vez em que se encontraram foi no verão de 1913, durante o Congresso de Munique.

A ruptura com Freud estabeleceu um divisor de águas na trajetória de Jung e convidou-o a um profundo mergulho no inconsciente, povoado de muitos sonhos, a partir dos quais ele percebeu que “[...] era correto tomar, como base de interpretação, os sonhos tais como se apresentam [...]” (JUNG, 1978, p. 152), demonstrando como ele não concordava com a concepção de Freud de que o sonho era uma “fachada” (o conteúdo manifesto), por detrás do qual estaria o verdadeiro significado, ou seja, o conteúdo latente.

O cenário de crise que cercava Jung ao vivenciar o luto do rompimento com Freud e iniciar a sua segunda metade da vida também foi permeado por um sonho. Em dezembro de 1912, Jung (1978) sonhou com um ambiente decorado com colunas italianas, no qual ele estava sentado de frente a uma mesa de pedra verde, semelhante a uma esmeralda, juntamente com seus filhos. Um pássaro branco, parecido com uma gaivota ou uma pomba, pousou na mesa e transformou-se em uma linda menina loira que saiu correndo a brincar com os filhos de Jung. A menina

voltou enquanto Jung estava imerso em seus pensamentos, abraçou-o no pescoço e, depois, transformou-se na pomba, falando, com voz humana, que “[...] só nas primeiras horas da noite posso transformar-me num ser humano, enquanto o pombo cuida dos doze mortos.” (JUNG, 1978, p. 153). Jung associou a mesa de esmeralda verde com a *tabula smaragdina*, na qual, diz a lenda, Hermes Trismegisto teria gravado a essência da sabedoria alquimista, e registrou que esse sonho indicava uma “[...] atividade inabitual do inconsciente [...]” (JUNG, 1978, p. 153).

Vale notar que um símbolo alquímico, a *tabula smaragdina*, aparece nesse sonho de 1912, mas, somente mais tarde, no período de 1918 até 1926, Jung (1978) começou a se aprofundar nos estudos dos gnósticos até chegar à alquimia. Em torno de 1926, teve o sonho que marcou seu mergulho na alquimia, porém, no percurso que o levou até lá, ele conta que foi incentivado por uma série de sonhos que se repetiam, em que apareciam partes de sua casa que ele desconhecia, as quais ele entendeu como sendo uma parte de sua personalidade da qual ainda não tinha consciência. Em especial, a biblioteca do sonho, contendo livros dos séculos XVI e XVII, impressionou-o bastante e antecipou a biblioteca real que ele formou com livros sobre alquimia, aproximadamente quinze anos depois.

Os estudos da alquimia também influenciaram a concepção da hipótese do Si-mesmo, a qual Jung (1978) vinha amadurecendo, por volta de 1918 a 1920, como meta do desenvolvimento psíquico. Foi, então, em 1927, que ele teve um sonho que corroborava as ideias que já tinha acerca do Si-mesmo e desenhou uma mandala com “ar chinês” e um castelo de ouro no centro. Logo depois de ter feito essa mandala, em 1928, suas ideias foram confirmadas ao receber uma carta de Richard Wilhelm, cujo conteúdo se referia ao tratado alquimista chinês chamado *O Segredo da Flor de Ouro*. Jung relata o episódio da seguinte maneira em sua “autobiografia”:

Em lembrança desta coincidência, desta “sincronicidade”, escrevi sob a mandala: 1928. Enquanto estava pintando esta imagem que mostra o castelo de ouro, Richard Wilhelm me enviava de Frankfurt o texto chinês milenar que trata de um castelo amarelo, o germe do corpo imortal. (JUNG, 1978, p. 175).

Após esses parênteses sobre a alquimia e o Si-mesmo, voltamos ao sonho do final de 1912, a partir do qual também se desdobraram sonhos ligados à ideia de arquétipo. Jung (1978, p. 153) conta que “[...] nessa época havia uma fantasia

terrível que se repetiu várias vezes: havia algo de morto que continuava a viver.” Donde podemos indagar: o que seria esse “algo morto”? Desta feita, Jung teve um sonho impactante no qual havia uma fileira de túmulos e mortos mumificados que estavam vestidos como cavaleiros com as mãos sobre o peito. Ele ia observando alguns mortos, notando que eles eram de épocas passadas, desde o século XIX até o XII, e que as mãos deles se mexiam porque ele os olhava. Conclui Jung:

Esse sonho ocupou-me durante muito tempo. Naturalmente, no início, eu compartilhara da opinião de Freud, segundo a qual o inconsciente encerra vestígios de experiências antigas. Mas sonhos como esse e a experiência real do inconsciente levaram-me à compreensão de que tais vestígios não são apenas conteúdos mortos, nem formas gastas da vida, mas pertencem à psique viva. Minhas pesquisas posteriores confirmaram a hipótese, que no decorrer dos anos resultou na minha teoria dos arquétipos. (JUNG, 1978, p. 154).

Assim, as ideias a respeito dos arquétipos e do inconsciente coletivo foram se formando. Entre 1913 e 1917, Jung passou por momentos de crise extremamente difíceis depois da ruptura com Freud e, paralelamente, a Europa sofria uma crise em virtude da Primeira Guerra Mundial. Jung (1978) refere-se a esse período crítico como sendo o seu processo pessoal de metamorfose alquimista. A impressão é de que o que se passava no interior de Jung também se exprimia externamente na Europa. A experiência onírica clássica que ilustra esse ponto foi deflagrada com a visão que Jung (1978, p. 156) teve em outubro de 1913: “[...] vi uma onda colossal cobrir todos os países da planície setentrional, situados entre o Mar do Norte e os Alpes [...] o mar transformou-se em torrentes de sangue.” A mesma visão se repetiu posteriormente e Jung (1978, p. 156) ouviu uma voz interior que dizia “[...] olha bem, isso é real e será assim; portanto, não duvides.” Devido a essas visões, Jung imaginou que poderia vir a ser vítima de uma psicose e não havia levantado a hipótese de que se tratava da Primeira Guerra Mundial que estaria na eminência de estourar em 1º de agosto de 1914. Em abril, maio e junho de 1914, alguns meses após as visões, Jung (1978, p. 156) teve um sonho cujo conteúdo mostrava que “[...] no meio do verão um frio ártico irrompia e a terra como que se petrificava sob o gelo.” No terceiro sonho, em junho, Jung considerou o final mais alvissareiro, pois havia uma árvore com folhas que haviam se transformado em bagos açucarados cheios de suco de uva e ele próprio se via oferecendo as uvas colhidas a uma multidão. Ele associou essa cena ao seu compromisso de falar sobre o significado

do inconsciente perante o coletivo: “[...] minha tarefa pareceu-me então claramente definida: devia tentar compreender o que se passava e em que medida minha própria experiência estava ligada à da coletividade.” (JUNG, 1978, p. 157). Curiosamente, ele havia sido convidado para proferir uma palestra para a British Medical Association, em julho de 1914, sobre “A Significação do Inconsciente na Psicopatologia”.

Com base nesses exemplos, é possível perceber como Jung foi sendo continuamente submetido pelo seu próprio inconsciente a várias experiências com sonhos e aventando que “[...] o inconsciente é capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não podemos saber. Pensemos nos fenômenos de sincronicidade, nos sonhos premonitórios e nos pressentimentos.” (JUNG, 1978, p. 262). A esse propósito, Jung narra um sonho que teve com a morte de um parente de sua esposa:

Vivi um episódio semelhante antes da morte de um membro da família de minha mulher. Sonhei, então, que o leito de minha esposa era um fosso profundo com paredes mal cimentadas. Era um túmulo que despertava lembranças da antiguidade. Ouvi nesse momento um profundo suspiro, como de um agonizante. Uma forma que se assemelhava à de minha mulher ergueu-se da tumba e elevou-se nos ares. Trazia uma veste branca tecida de curiosos signos negros. Despertei, acordei também minha mulher e olhei o relógio. Eram três horas da manhã. O sonho era tão estranho que pensei que podia anunciar um falecimento. Às sete horas chegou-nos a notícia de que uma prima de minha mulher falecera às três horas. (JUNG, 1978, p. 263).

Quando menciona tais sonhos, Jung (1978, p. 263) alerta que “[...] frequentemente apenas se trata de uma premonição vaga e não de um saber antecipado.” Ele passou por uma vivência desse tipo ao sonhar com uma senhora da Basiléia, que tinha sido sua paciente durante muito tempo e, depois de ter passado algumas semanas do sonho, ele soube que ela havia sofrido um acidente fatal. Porém, a questão é que Jung (1978), ao acordar do sonho, não se lembrava mais de quem se tratava, embora se esforçasse por descobrir, e apenas quando recebeu a notícia do acidente é que conseguiu fazer a associação da paciente com a pessoa do sonho.

Outros sonhos de Jung que preconizaram um caso de morte foram relacionados à mãe dele. No primeiro sonho, a princípio, ele não havia compreendido que a mensagem estava ligada à morte dela até que ela falecesse em janeiro de 1923. O sonho ocorreu em setembro de 1922 e Jung (1978) conta que

sonhou com o pai, falecido em 1896, e ficou muito impressionado, pois nunca havia sonhado com ele antes. No sonho, seu pai parecia rejuvenescido e Jung sentiu-se feliz por apresentar-lhe a família e contar-lhe sobre sua vida profissional – havia publicado *Tipos Psicológicos* em 1921 – mas notou que o pai não se interessava por isso e parecia preocupado. O pai, então, disse-lhe que gostaria de consultá-lo sobre a psicologia do casamento, já que ele era psicólogo. Jung (1978) pensou que o sonho deveria tê-lo feito prever a morte da mãe, pois, depois de vinte e seis anos de viuvez, o pai estava pedindo ajuda, a um psicólogo, sobre os problemas do casamento que ele iria retomar. Aqui, o sentido de “retomar” poderia levantar a hipótese de fazer menção à vida após a morte, e Jung observa que:

Em decorrência de sua relatividade tempo-espço, o inconsciente tem melhores fontes de informação que a consciência, a qual apenas dispõe de percepções sensoriais. Por esse motivo, estamos reduzidos, no que se relaciona ao mito de uma vida *post-mortem*, às escassas alusões do sonho e a outras manifestações espontâneas do inconsciente. (JUNG, 1978, p. 274).

O segundo sonho foi na noite anterior à morte de sua mãe, e muito o afligiu. Na manhã seguinte, foi dada a notícia do falecimento, e ele viveu uma ambivalência de sentimentos, pois “[...] de um lado um sentimento de calor e alegria, de outro, terror e luto, numa alternância contínua de contrastes afetivos.” (JUNG, 1978, p. 272). O sonho poderia ser lido de dois pontos de vista, como um par de opostos, o que levou Jung a concluir que a morte poderia ser entendida como uma catástrofe, se considerada pelo lado do “eu”, e semelhante a uma festa, na perspectiva da alma.

Durante a primavera de 1924, em Bollingen, Jung (1978), em *Memórias, sonhos e reflexões*, narra um sonho que considerou estranho e no qual ele ouvia música, passos e havia jovens camponeses conversando e rindo. O estranho era que tudo aquilo que acontecia parecia tão real que Jung ficou confuso e foi checar abrindo janelas e venezianas, mas não havia nada e, quando voltava a dormir, o sonho recomeçava. Jung diz que esse tipo de sonho cria uma espécie de vigília e aquilo que se sonha parece realidade. Ele enfatiza que, na Idade Média, houve eventos, semelhantes a esse do sonho, em que jovens, na primavera, festejavam ao se despedir da pátria para tornarem-se soldados e combater na Itália. Ele supõe que poderia ter captado a imagem de um desses eventos e isso o fez levantar a hipótese de explicar tal sonho como um fenômeno de sincronicidade, pois o que “[...]”

acreditamos conhecer (pois o percebemos ou supomos por meio de um sentido interior), têm muitas vezes correspondências na realidade exterior.” (JUNG, 1978, p. 206). Nesse ponto, parece que Jung sugere o papel da intuição quando da ocorrência desse tipo de evento.

Já no fim de sua vida, a necessidade da divulgação de suas ideias continuou a ser anunciada em um sonho. Na introdução de *O Homem e seus Símbolos*⁷ consta que, após ter dado uma entrevista à televisão inglesa com muito êxito, Jung recebeu muitas cartas de pessoas leigas e teve um sonho muito significativo em que se via falando e sendo compreendido por uma grande plateia em um local público. Não houve tal palestra, mas os últimos escritos de Jung foram sua voz grafada no livro *O Homem e seus Símbolos* cujo capítulo “Chegando ao Inconsciente” terminou de ser elaborado dez dias antes de seu falecimento, e constitui-se uma forma de divulgar suas ideias para o grande público. Todavia, mesmo sua voz tendo silenciado, suas ideias continuam ecoando até hoje no mundo todo, porém, poucas delas ainda totalmente compreendidas, pois nem todas as pessoas possuem “ouvidos de ouvir” para elas.

Em uma carta de 17 de junho de 1956, dirigida ao Prof. Benjamin Nelson, Jung está com oitenta e um anos e declara o seu papel de continuador do trabalho de Freud, bem como sua contribuição para o desenvolvimento da psicologia do inconsciente, explicitando a rejeição que suas ideias e ele próprio sofreram.

O problema mais caro a Freud foi sem dúvida a psicologia do inconsciente, mas nenhum de seus seguidores mais imediatos fez alguma coisa neste sentido. Por acaso, fui eu o único e seus herdeiros que levou avante alguma pesquisa, seguindo as linhas que ele intuitivamente previu. Mas, como as minhas tentativas modestas foram consideradas quase blasfemas, não tive a menor chance de publicar algo com o meu nome que não fosse imediatamente estigmatizado com a marca de Caim. (JUNG, 2018c, p. 31).

Apesar da ruptura que houve entre Jung e Freud, parece que os laços invisíveis da sincronicidade os mantiveram ligados como dois rios que seguiram seus próprios cursos, porém, ambos correndo para a mesma direção: o mar do inconsciente.

⁷ JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1964. p. 10.

Após essa breve exposição de alguns episódios que entrelaçam os sonhos de Jung, a sua vida e seu trabalho acadêmico, procuramos tecer um singelo panorama biográfico para este estudo. Tomando como base uma pequena amostra de situações que retratassem o valor dos sonhos para Jung paralelamente ao desenvolvimento de sua produção científica, procuramos mostrar como os sonhos motivaram, anteciparam, confirmaram, acompanharam e delimitaram etapas de sua vida e obra.

No capítulo posterior, iremos expor, em primeiro lugar, a parte teórica sobre os sonhos telepáticos e precognitivos de acordo com Mattoon (2013) e a psicologia dos sonhos de Jung e, na sequência, iremos resumir sucintamente as ideias de Freud a respeito de sonhos e telepatia que estão presentes em seus textos sobre o tema.

3 ASPECTOS TEÓRICOS DOS SONHOS TELEPÁTICOS E PRECOGNITIVOS

3.1 Sonhos não-compensatórios na psicologia dos sonhos de Jung

Ninguém duvida da importância do vivido conscientemente. Então, por que duvidar da importância daquilo que se passa no inconsciente? Ele *também* é parte da nossa vida. Uma parte talvez até maior, mais perigosa ou útil que a nossa vida consciente. (JUNG, 2020b, p. 35).

No período de novembro de 1928 até o final de junho de 1930, em Zurique, Jung realizou os *Seminários sobre análise de sonhos*⁸.

Desses encontros semanais, participava um grupo seletivo, cuja permissão para participar era concedida pelo próprio Jung. Na primeira palestra, no dia 7 de novembro de 1928, Jung abriu o seminário manifestando, explicitamente, o seu apreço aos sonhos e enaltecendo o seu papel marcante no tratamento analítico que visava acessar o inconsciente, como se lê abaixo:

Senhoras e senhores: A análise dos sonhos é o problema central do tratamento analítico, pois é o mais importante meio técnico de abrir uma via de acesso ao inconsciente. O principal objetivo nesse tratamento, como vocês sabem, é descobrir a mensagem do inconsciente. (JUNG, 2014, p. 27).

Entender os sonhos, portanto, torna-se fundamental para alcançar o intuito de descobrir o que o inconsciente está comunicando. O foco de interesse específico neste estudo são os sonhos telepáticos e precognitivos e, neste capítulo, iremos situá-los no conjunto dos sonhos de acordo com as funções propostas por Jung (2020a) em *Aspectos Gerais da Psicologia do Sonho*, escrito em 1928. Segundo Jung (2020a), distinguem-se quatro funções dos sonhos: a função compensatória, a função redutiva, a função reativa e a função prospectiva. Jung adota a terminologia sonhos compensatórios, sonhos redutivos, sonhos reativos e sonhos prospectivos correspondendo, respectivamente, a cada uma dessas funções. Assim, iremos usar a mesma terminologia de Jung para nos referirmos aos sonhos.

⁸ JUNG, C. G. **Seminários sobre análise de sonhos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

Jung (2020a, 2020b) considera a hipótese de que a maioria dos sonhos exerce uma função compensatória, ou de maneira mais sintética, são sonhos compensatórios, consistindo em uma expressão de processos inconscientes. Em seu ponto de vista, tanto a psique quanto o corpo funcionam em um sistema de autorregulação para manter seu equilíbrio homeostático, pois “[...] todos os processos excessivos desencadeiam imediata e obrigatoriamente suas compensações.” (JUNG, 2020b, p. 36, § 330). Assim, a compensação é “[...] a regra básica do comportamento psíquico em geral. O que falta de um lado, cria um excesso de outro. Da mesma forma, a relação entre o consciente e o inconsciente também é compensatória.” (JUNG, 2020b, p. 36, § 330). Em suma, dada uma determinada situação da consciência em determinado momento, o inconsciente manifesta-se nos sonhos como resposta natural e reguladora à consciência, fornecendo conteúdos que não chegaram até o limiar da consciência devido ao recalque ou porque não possuem energia suficiente para compensar suas atitudes unilaterais.

Jung (2020a, § 488) enfatiza: “[...] já desde 1906 eu chamei a atenção para as relações de compensação existentes entre a consciência e os complexos autônomos.” Quando a consciência está voltada excessivamente para um aspecto particular, instala-se um desequilíbrio entre esse aspecto e outro oposto da personalidade e os sonhos compensatórios emergem a fim de produzir um reequilíbrio entre os opostos e corrigir a atitude unilateral presente. Jung faz um alerta para que seja distinguida a compensação da complementação, pois, segundo ele, a complementação “[...] designa uma relação em que duas ou mais coisas se completam, por assim dizer, forçosamente.” (JUNG, 2020a, § 545). Não houve exemplos de sonhos complementares para que Jung fizesse tal distinção, porém, ele enfatiza que a complementação é um conceito insuficiente para explicar a função dos sonhos e, em uma nota de rodapé, considera que a compensação é um “[...] refinamento psicológico [...]” (JUNG, 2020a, § 545) do princípio da complementaridade.

Jung (2020a) salientou alguns modos pelos quais os sonhos podem atuar compensatoriamente e, com base em Hall (2013), a primeira forma de compensação ocorre quando os sonhos visam corrigir distorções do ego, complementando ações que não foram totalmente realizadas conscientemente. Por exemplo, se o sonhador

sentiu raiva de alguém, não a manifestou e reprimiu, poderá sonhar que expressa essa raiva fortemente contra aquela pessoa. Nesse caso, determinada atitude que não foi manifestada aparece exagerada no sonho porque o sonhador não estava consciente de seus sentimentos e negligenciava-os. Jung (2020a, p. 204) coloca esses sonhos dentro do princípio de que “[...] as coisas semelhantes se curam com coisas de natureza semelhante.” Outra maneira de compensação ocorre para impulsionar o processo de individuação, auxiliando o ego a se modificar devido à necessidade de uma adaptação ao processo de individuação em curso. Hall (2013) refere-se a essa segunda forma de compensação como autorrepresentação da psique. No entanto, propõe mais um processo compensatório, no qual o sonho “[...] pode ser visto como uma tentativa para alterar diretamente a estrutura de complexos sobre os quais o ego arquetípico se apóia (*sic*), para a identidade em níveis mais conscientes.” (HALL, 2013, p. 32). Nesse caso, as vivências do ego onírico com situações do sonho poderão se refletir em mudanças na atitude ou no estado de ânimo do ego vígil.

Um exemplo de sonho compensatório foi descrito pelo próprio Jung (1978) e era relacionado à separação entre ele e Freud, que viria a ocorrer posteriormente. Ele teve o sonho enquanto trabalhava no livro *Metamorfoses e Símbolos da Libido*, que teve a sua primeira parte publicada em 1911 e a segunda parte publicada em 1912. A primeira parte do sonho é a seguinte:

Um dos mais impressionantes se desenrolava numa região montanhosa, nas proximidades da fronteira austro-helvética. Era quase noite: vi um homem de certa idade trajando um uniforme de fiscal de alfândega da monarquia imperial e real. Um pouco curvo, passou perto de mim, sem me dar atenção. Outras pessoas também lá estavam e, através delas, vim a saber que esse velho não era real, mas somente o espírito de um empregado da alfândega morto havia alguns anos. "É um desses homens que não podem morrer", disse alguém. (JUNG, 1978, p. 146).

Ao analisar esse sonho, Jung associou a imagem onírica da “fronteira” a dois aspectos: o primeiro, ao limite entre a consciência e o inconsciente e o segundo, à diferença que existia entre suas opiniões e as de Freud. A “alfândega” foi associada à censura e Freud estaria representado pela figura do velho fiscal da alfândega. A função da alfândega de examinar o que há dentro das bagagens levaria aos pressupostos inconscientes. Devido a esse sonho, Jung obteve um forte

esclarecimento quanto à função compensatória dos sonhos, a qual promove a autorregulação da psique, pois esse sonho não só compensava a sua atitude consciente, que parecia excessiva em relação à sua admiração por Freud, mas também sugeria uma atitude mais crítica de sua parte. Quanto à frase final do sonho, que fazia alusão à imortalidade de Freud, escreve Jung:

Na época desse sonho, eu tinha Freud em alta estima - mas, por outro lado, minha atitude não era isenta de crítica. Esta dupla atitude indicava que, nessa situação, eu ainda estava inconsciente e ainda não a submetera à reflexão. Isso é característico a todas as projeções. O sonho me incitava a esclarecer esse assunto. (JUNG, 1978, p.147).

Quando a função compensatória atua negativamente, ou redutivamente, no sentido de afetar positivamente a atitude da consciência, os sonhos são chamados de redutivos. Esses sonhos visam compensar a psique em caso de “[...] indivíduos cuja atitude consciente e esforço de adaptação ultrapassam as capacidades individuais, ou seja, parecem melhores e mais valiosos do que são na realidade.” (JUNG, 2020a, p. 208, § 496). Esse tipo de sonho tem como objetivo “[...] minar uma posição excessivamente elevada, para lembrar ao indivíduo a insignificância do ser humano.” (JUNG, 2020a, p. 209, §497). O caso do rei Nabucodonosor, que pensava ser mais do que era, é um exemplo mencionado por Jung, pois o sonho do rei “[...] significa, sem sombra de dúvida, uma tentativa de compensação do delírio de grandeza.” (JUNG, 2020a, p. 201, § 485). O rei sofria de um delírio de grandeza ao se encontrar no auge de seu poder e teve um sonho que tentava compensar o seu delírio, o qual acabou evoluindo para uma psicose. Um outro exemplo da função compensatória atuando negativamente está no sonho do professor que era paciente de Jung e apresentava sintomas do mal da montanha, uma doença que acomete os alpinistas. O tal professor era uma pessoa que provinha de uma família de camponeses pobres e humildes, e havia ascendido na vida, alcançando destaque social e cultura científica – poderia ser comparado a uma espécie de “alpinista social” em termos atuais. Ele ambicionava galgar mais alto ainda em sua carreira, mas o sonho chamou a atenção dele para suas origens, as quais ele tinha deixado de lado e precisaria admitir para poder continuar. Por isso, o sonho seria negativamente compensatório. O sonho do paciente é contado da seguinte maneira:

O paciente se encontra numa pequena cidade suíça. Ele surge como uma figura muito solene, de casaco negro e longo; debaixo de seus braços, carrega vários livros volumosos; há um grupo de rapazes, que ele reconhece como ex-colegas de classe. Olham o paciente e dizem: “Não é sempre que esse fulano aparece aqui”. (JUNG, 2017, p. 66).

Embora Jung (2020a) aplicasse a teoria das compensações para a maior parte dos sonhos, ele aponta para a dificuldade de perceber o tipo de compensação que ocorre, pois varia para cada indivíduo, e enfatiza que não é categórico ao propor a função compensatória como único princípio explicativo para todos os fenômenos pertinentes aos sonhos devido à complexidade destes. Na concepção de Mattoon (2013, p. 208), alguns sonhos são não-compensatórios, observando que “[...] o sonho não-compensatório é incomum e deve ser interpretado como tal somente depois de as possibilidades de compensação terem sido completamente investigadas.”

Segundo Mattoon (2013), estão incluídos no conjunto de sonhos não-compensatórios os sonhos reativos, ou traumáticos, os quais derivam de situações traumáticas vividas pelo sonhador e ocorrem de forma recorrente. Jung (2020a, p. 211, §500) diz que “[...] dificilmente se poderia chamar de compensador a um tal sonho que é, essencialmente, a repetição de um traumatismo.” Assim, eles são considerados sonhos não-compensatórios porque não estão de acordo com a situação consciente do indivíduo e se repetem até que o trauma se dissolva, pois a análise não consegue interrompê-los. Neste estudo, não iremos abordá-los, pois não tratam do futuro, mas de situações que ocorreram no passado, fugindo ao nosso interesse central.

Por outro lado, há a função prospectiva, que orienta os sonhos prospectivos e detém um caráter antecipatório que prepara a solução de um conflito, conforme aponta Jung (2020a). Os sonhos prospectivos também estão incluídos no grupo dos sonhos não-compensatórios e são os mais numerosos, de acordo com Mattoon (2013). Eles se diferenciam dos sonhos compensatórios com relação ao tipo de situação da consciência em determinado momento. No entanto, tal tarefa não é simples de ser resolvida, e Jung (2020a, p. 206, § 494) adverte que se correria o risco de “[...] ver no sonho uma espécie de psicopompo”, por isso é preciso cuidado para não se valorizar mais o inconsciente em detrimento da consciência. Ele também enfatiza que há uma solidariedade entre consciência e inconsciente, porém, a cada um cabendo fazer a sua parte:

Entretanto, o inconsciente só funciona satisfatoriamente quando a consciência cumpre a sua tarefa até o limite do impossível. Um sonho pode, então, suprir o que ainda falta ou vir em nosso socorro, quando os nossos melhores esforços falharam. Se o inconsciente fosse efetivamente superior à consciência, seria simplesmente difícil ver em que consiste afinal a utilidade do inconsciente, ou por que motivo o fenômeno da consciência surgiu no transcurso da evolução filogenética como um elemento necessário. (JUNG, 2020a, p. 252).

A fim de distinguir a função compensatória da função prospectiva propriamente dita, Jung (2020a) cita o sonho do rei Nabucodonosor, no qual a atitude consciente do sonhador era inadequada e a função negativamente compensadora (função redutora) do inconsciente ganhou um “*upgrade*”, passando a ser uma função prospectiva dirigente. Entretanto, Jung (2020a) alerta que o caráter prospectivo de um sonho redutor como o do rei Nabucodonosor não está associado a um efeito construtivo, preparatório e sintético, o qual caracteriza a função prospectiva. Ao contrário, “[...] o sonho redutor tende, antes, a desintegrar, a dissolver, depreciar e mesmo destruir e demolir [...]” (JUNG, 2020a, p. 209, §496), lembrando que o rei caiu em uma psicose. Assim, os sonhos redutivos têm como função correspondente a função redutora e não devem ser chamados de prospectivos.

O aspecto antecipatório de futuras atividades conscientes que ainda não ocorreram, mas que o inconsciente apresenta no sonho, indica que existe uma finalidade, ou um *para quê*, implícito no sonho, ampliando a visão causalista de Freud que somente considerava o *porquê* do sonho: “Só a conjugação de dois pontos de vista [...] pode nos levar a uma compreensão mais completa da natureza do sonho”. (JUNG, 2020a, p. 197, § 474). Diante disso, Jung (2020a, p.196, § 472) reconhece que a visão finalista “[...] é capaz de concorrer para a educação prática da personalidade [porque] temos que levar em conta todos os aspectos das coisas que os materiais oníricos nos oferecem [...]” ao explorar as imagens oníricas sem atribuir-lhes significados fixos, mas considerar “[...] as imagens oníricas importantes em si mesmas, tendo cada uma delas sua própria significação, em virtude da qual elas aparecem no sonho.” (JUNG, 2020a, § 471).

Uma distinção precisa ser feita e Jung (2020a) sugere uma dificuldade adicional no caso dos sonhos prospectivos. Um sonho prospectivo pode parecer profético, mas Jung ressalva que sonhos desse tipo “[...] não são mais proféticos do

que um prognóstico médico ou meteorológico. São apenas uma combinação precoce de possibilidades que podem concordar, em determinados casos, com o curso real dos acontecimentos [...]” (JUNG, 2020a, p. 206, § 493). Assim, para um sonho ser considerado profético, há a exigência de uma condição: é absolutamente necessário que seja confirmado pelos acontecimentos na vida real. No entanto, Jung (2020b) alerta que, muitas vezes, um sonho pode avisar que uma pessoa está correndo perigo de vida, o que sugere que o inconsciente atua sob uma orientação finalista “[...] como acontece de modo particular quando a atitude consciente se orienta exclusivamente em um determinado sentido, ameaçando perigosamente as necessidades vitais do indivíduo.” (JUNG, 2020a, p. 203, § 488).

Um exemplo de sonho prospectivo que anteviu um evento negativo e o risco de morte foi o caso do médico alpinista que desdenhava de Jung por interpretar sonhos. O médico dissera que havia tido um “sonho idiota”, conforme Jung narra:

Eu estava escalando uma montanha muito alta, por um lado íngreme, coberta de neve. Vou subindo cada vez mais alto. O tempo está maravilhoso. Quanto mais subo, mais me sinto bem. Tenho a sensação de que seria bom se eu pudesse continuar subindo assim eternamente. Chegando ao pico, uma sensação de felicidade e arrebatamento me invade; esta sensação é tão forte, que tenho a impressão de que poderia subir ainda mais e entrar no espaço cósmico. E é o que faço. Subo no ar. Acordo em estado de êxtase. (JUNG, 2020b, p. 34).

Diante desse sonho, Jung (2020b) pediu ao médico, insistentemente, que não escalasse sozinho, fosse junto com dois guias e os obedecesse, mas o médico riu e não se viram mais. Jung conta que, dois meses depois, houve um primeiro acidente em que o médico foi soterrado por uma avalanche, mas foi salvo por uma patrulha militar; porém, o acidente fatal ocorreu três meses depois, junto com um amigo mais jovem, em que ambos rolaram precipício abaixo e acabaram morrendo.

Em uma carta de 06 de janeiro de 1943, dirigida a um destinatário não identificado, Jung (2018a) comenta esse mesmo sonho e não considera que ele tenha sido profético ao dar sua opinião sobre o sonho, porque o seu amigo tinha uma postura arrogante, sendo uma pessoa de muitas opiniões. Jung (2018a, p. 332) pontua que “[...] sabia muito bem que ele andava nas nuvens e poderia a qualquer momento despencar.” Segundo Mattoon (2013, p. 245), “[...] a ação resulta do mesmo estado psíquico que produziu o sonho.” e, por isso, Jung não identificou

esse sonho como sendo compensatório nem precógnito, mas considerou-o prospectivo.

Além dos sonhos não-compensatórios reativos e prospectivos que foram expostos, há ainda os sonhos não-compensatórios ligados a fenômenos extrassensoriais que pretendemos investigar: os sonhos telepáticos e precognitivos.

Jung escreveu o capítulo “Chegando ao inconsciente”, do livro *O Homem e seus Símbolos*⁹, e o título do segundo item desse capítulo chama-se “O passado e o futuro no inconsciente”. Jung (1964, p.37) qualifica o inconsciente como portador de memórias, mas também “[...] cheio de germes de ideias e de situações psíquicas futuras.”, citando exemplos de cientistas, como Poincaré, Kekulé e Descartes, cujas descobertas científicas foram reveladas em sonhos. Assim, Jung (1964) explica que o futuro pode aparecer nos sonhos e revelar situações antes de acontecerem porque o inconsciente capta o que a consciência não viu e transmite tais mensagens através dos sonhos. Aparentemente, os conteúdos inconscientes desconhecidos surgem de repente nos sonhos, mas o inconsciente já estaria gestando a situação há tempos e “[...] não é necessariamente um milagre ou uma forma de previsão.” (JUNG, 1964, p. 50). Assim, Jung apontava as limitações de uma teoria que interpretava os fenômenos psíquicos sob o ponto de vista da causalidade, pois alguns sonhos podem antecipar um acontecimento no tempo e no espaço.

A familiaridade de Jung (2020a) com os sonhos telepáticos veio de sua experiência clínica e ele relata que o conteúdo telepático geralmente se encontrava na forma manifesta do sonho e não em seu material associativo, o qual seria decorrente da análise.

Os sonhos telepáticos foram observados por Jung e, em sua maioria, podem ser caracterizados quando um

[...] acontecimento particularmente afetivo é antecipado “telepaticamente” no tempo e no espaço; aqueles, portanto, em que a importância humana do acontecimento (por exemplo, de um falecimento) por assim dizer ajuda a explicar ou pelo menos a compreender o seu pressentimento ou percepção à distância. (JUNG, 2020a, p. 214, § 504).

Em tais casos, observamos que é importante salientar o papel do afeto. Nos sonhos, a psique está funcionando um nível menos consciente e os fenômenos de

⁹ JUNG, 1964.

telepatia que neles podem ocorrer dependem de uma sensibilidade a estímulos emocionais.

Jung explica a ação do afeto inspirando-se na ideia de *abaissement de niveau mental* (abaixamento do nível mental), segundo Pierre Janet, quando cai o nível de percepção consciente e, em contrapartida, o inconsciente está mais elevado:

O afeto produz um *abaissement de niveau mental* (baixa de nível mental) parcial, porque, justamente na mesma medida em que eleva um determinado conteúdo a um grau supranormal de luminosidade, retira também tal quantidade de energia de outros conteúdos possíveis da consciência, a ponto que estes se tornam obscuros e inconscientes. Em consequência da restrição da consciência provocada pelo afeto, verifica-se uma diminuição do sentido de orientação, correspondente à duração do efeito, que, por seu lado proporciona ao inconsciente uma oportunidade favorável de penetrar sutilmente no espaço que foi deixado vazio. (JUNG, 2020f, p. 29, § 841).

Embora houvesse controvérsias e uma lacuna no saber acadêmico para explicar os fenômenos telepáticos, Jung (2020a) admite sua existência e afirma que pôde constatar sua influência sobre os sonhos, principalmente, em algumas pessoas que possuem maior predisposição para ter sonhos telepáticos. Além disso, ele observa que é preciso lembrar, também, da criptomnésia como fator determinante. A criptomnésia é uma “recordação escondida” que se refere a algo com o qual, um dia, tomamos contato, mas de que nos esquecemos e, tempos depois, poderá retornar à consciência sem que nos recordemos de que já havíamos visto tal coisa antes. Como exemplo de criptomnésia, Jung (1964) cita que, quando leu *Assim Falou Zaratustra*, de Nietzsche, reconheceu no texto uma passagem que já tinha lido em outra obra. Jung acredita que Nietzsche, que lera na infância a mesma passagem, não plagiou a história, mas que ela emergiu na consciência dele décadas depois sem que ele percebesse que já a conhecia.

Como ilustração de sonho telepático, Mattoon (2013) destaca o sonho que Jung menciona em seu ensaio sobre a sincronicidade, indicando que o sonho e o fato da realidade não são, necessariamente, eventos simultâneos:

Um de meus conhecidos viu e presenciou em sonho a morte súbita e violenta de um de seus amigos, com todos os detalhes específicos. O sonhador estava na Europa e o seu amigo na América. Na manhã seguinte um telegrama atesta a morte e dez dias mais tarde uma carta confirma os detalhes. A comparação entre o tempo europeu e o americano mostra que a morte se deu pelo menos uma hora antes do sonho. O sonhador recolhera-se tarde e não dormira até uma hora da madrugada. O sonho se dera por volta das duas. A experiência do sonho *não fora síncrona* com a morte.

Experiências deste gênero frequentemente ocorrem ou antes ou depois do acontecimento crítico. (JUNG, 2020f, p. 36).

Para compreender os sonhos telepáticos, alegar o acaso como a explicação para esses sonhos seria como “[...] um biombo para ocultar a própria ignorância.” (JUNG, 2020a, p. 214, § 504). Apesar dos sonhos telepáticos serem impressionantes, Jung refuta a ideia de que sejam “sobrenaturais” e reconhece valor na pesquisa sobre os sonhos telepáticos.

Naturalmente, nunca professarei que as leis que os regem sejam alguma coisa de “sobrenatural”. Apenas afirmo que eles escapam ao alcance de nosso saber meramente acadêmico. Assim, os conteúdos telepáticos contestáveis possuem um caráter de realidade que zomba de qualquer expectativa de probabilidade. Embora sem me arriscar a uma concepção teórica a respeito desses fenômenos, creio, todavia, creio que é correto reconhecer e sublinhar sua realidade. Para a investigação dos sonhos este ponto de vista representa um enriquecimento. (JUNG, 2020a, p. 214).

No entanto, o que causaria esse tipo de sonho? Nos *Seminários sobre sonhos de crianças*¹⁰, ocorridos entre 1936 e 1941, Jung expõe que a consciência provém do inconsciente e parte deste emerge na psique infantil por meio dos sonhos das crianças pequenas, apresentando-se como imagem de um monstro desconhecido que as amedronta e que as faz acordar assustadas. A natureza instintiva estaria, assim, representada pelo monstro e, em razão do ego em formação na psique infantil encontrar-se mais próximo do inconsciente coletivo, o material arquetípico poderia surgir mais frequentemente do que no adulto. A regressão da psique para o inconsciente e as formas arquetípicas, ou seja, para o estado que já é conhecido da criança e constitui uma base segura para ela, possibilita que haja o progresso do desenvolvimento da consciência seguindo o movimento de regressão da energia psíquica para que se promova um impulso e, assim, progrida. Esses sonhos infantis são importantes porque neles se trata “[...] da manifestação de uma parte do inconsciente que se encontra fora do tempo [...] emanam das profundezas da personalidade e, não raro, apresentam uma antecipação do destino.” (JUNG, 2011, p. 15).

Jung (2011) propôs alguns fatores como causas dos sonhos, mencionando que há cinco causas possíveis para a ocorrência dos processos oníricos; porém,

¹⁰ JUNG, C. G. **Seminários sobre sonhos de crianças**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

consta uma nota do tradutor explicando que Jung explicita quatro causas, pulando a quinta, e depois uma sexta, conforme listamos abaixo:

- 1) Fontes somáticas servem como estímulos e causariam um determinado tipo de sonho. Não há exemplos de Jung para estes casos, mas ele afirma que é uma crença antiga;
- 2) Outros eventos físicos – ruídos, luminosidade, frio, calor – que serviriam de estímulos para causar os sonhos;
- 3) Acontecimentos psíquicos no meio-ambiente são percebidos pelo inconsciente e causam os sonhos, mas não se sabe como isso ocorre.

Para ilustrar a terceira causa, Jung conta o caso de uma criança de três a quatro anos que sonhou com a vinda de dois anjos que levantavam algo do chão e o transportavam para o céu. Na mesma noite, morreu seu irmãozinho. Outra criança sonhou que a mãe desejava suicidar-se e entrou gritando no quarto da mãe, que já estava acordada e prestes a cometer suicídio. Todavia, nem todos os sonhos trazem conteúdos impressionantes como os citados.

Há os exemplos em que coisas banais podem ser detectadas e Jung (2011) conta, como ilustração, o caso curioso do sonho com a carta amarela: um homem de negócios que se interessava por telepatia sonhou, às 15 horas, em seu escritório, que recebera uma carta amarela. Às 16 horas, foi procurar a carta quando chegou em casa, mas não a encontrou. Depois de 15 dias, a empregada achou a carta amarela caída atrás da cômoda e, quando ele a abriu, viu que se tratava de um folheto de propaganda, sem nenhuma importância. Nesse caso, percebemos como a ocorrência do fenômeno em si mesmo não significa que haja um conteúdo de relevância.

- 4) Acontecimentos passados que podem influenciar os sonhos. Jung (2011) pontua que algum nome histórico pode ser citado em sonho e que isso deve ser pesquisado quando acontece, pois poderá auxiliar para explicar tal sonho.

A fim de exemplificar, Jung relata o sonho de uma paciente que, “por coincidência”, tinha ocorrido naquele mesmo dia do encontro do seminário, e que tal sonho correspondia à história de Santo Eustáquio, que havia surgido no sonho como padroeiro da paciente. A paciente disse que não conhecia a história do santo e,

desse modo, Jung (2011, p. 26) ressalta a dificuldade de explicar esse tipo de sonho supondo que era “[...] como se a paciente tivesse farejado o calendário dos santos em minha biblioteca.”

Jung (2011) não explicita o quinto fator, mas fala que a criptomnésia pode surgir nos sonhos. Assim, ele também aventou a hipótese de criptomnésia para o caso do sonho com o santo, pois a história daquele santo era correspondente ao sonho, mas a paciente havia dito que não a conhecia.

Quanto ao sexto fator de causas, ele aponta para uma peculiaridade do inconsciente que se reflete em sua tendência de direcionar-se para o futuro, ou seja, para uma etapa posterior do desenvolvimento do indivíduo.

Um último grupo de causas, os senhores encontraram entre os sonhos que antecipam conteúdos psíquicos futuros da personalidade que não são reconhecidos tais no momento presente. Trata-se desse modo de *acontecimentos futuros que ainda não são passíveis de serem reconhecidos* no momento presente. Estes conteúdos apontam para ações ou situações futuras do sonhador que não se baseiam em absoluto na psicologia atual do paciente. Principalmente nos sonhos de crianças, acontecimentos futuros são antecipados de modo surpreendente. São duvidosos os casos em que, por exemplo, alguém sonha que irá morrer numa catástrofe e acaba morrendo realmente dessa forma. Poderia tratar-se de uma antecipação telepática miraculosa. (JUNG, 2011, p. 29).

Levando em conta as causas apontadas para a ocorrência de determinados sonhos, Jung (2020a) levanta a questão de quanto os sonhos podem antecipar situações futuras relativas à saúde e doenças que ainda não se manifestaram preconizando que, no futuro, os sonhos poderiam servir aos médicos como importante instrumento para a identificação de prognósticos relativos a doenças ou até mesmo à morte.

A fim de ilustrar tal ponto, Jung (2020b) conta o sonho de uma jovem de dezessete anos que foi sua paciente e cujas hipóteses diagnósticas de dois médicos eram, respectivamente, suspeita de atrofia muscular progressiva e histeria. A jovem morreu e Jung interpretou o sonho como sendo um prognóstico de morte:

É noite. Tudo está num silêncio mortal. A porta que dá para o salão está entreaberta e vejo minha mãe enforcada no lustre, seu corpo balançando ao vento gelado que entra pelas janelas abertas. E depois também sonhei que havia um barulho terrível dentro de casa. Vou ver o que é, e vejo um cavalo espantado correndo feito doido pelo apartamento. Por fim ele encontra a porta do corredor e pula pela janela do corredor para a rua. O apartamento fica no 4º. Andar. Vi, horrorizada, seu corpo estendido lá embaixo, todo espatifado. (JUNG, 2020b, p. 42).

Quanto aos sonhos precognitivos (proféticos), Mattoon (2013) e Hopke (2018) salientam, de acordo com Jung (2020a), que a ocorrência de sonhos baseados nos fenômenos extrassensoriais de precognição é muito rara e eles requerem, absolutamente, que haja a confirmação na realidade para serem considerados proféticos. Jung (2020f, p. 113, § 962) observa que “[...] entretanto, às vezes é difícil evitar a impressão de há uma espécie de precognição de acontecimentos futuros.”, ou seja, que tais sonhos transmitem um conhecimento prévio de um acontecimento futuro. Em função dessa raridade, Mattoon (2013) enfatiza que o único sonho que Jung reconhece como precognitivo é o seguinte:

Lembro-me da história de um amigo estudante ao qual o pai prometera uma viagem à Espanha, se passasse satisfatoriamente nos exames finais. Este meu amigo sonhou, então, que estava andando em uma cidade espanhola. A rua conduzia a uma praça onde havia uma catedral gótica. Assim que chegou lá, dobrou a esquina, à direita, entrando noutra rua. Aí ele encontrou uma carruagem elegante, puxada por dois cavalos baios. Nesse momento, ele despertou. Contou-nos ele o sonho enquanto estávamos sentados em torno de uma mesa de bar. Pouco depois, sendo bem-sucedido nos exames, viajou à Espanha e aí, em uma das ruas, reconheceu a cidade de seu sonho. Encontrou a praça e viu a igreja, que correspondia exatamente à imagem que vira no sonho. Primeiramente, ele queria ir diretamente à igreja, mas se lembrou que, no sonho, ele dobrava a esquina, à direita, entrando noutra rua. Estava curioso por verificar se seu sonho seria confirmado outra vez. Mal tinha dobrado a esquina, quando viu, na realidade, a carruagem com os dois cavalos baios. (JUNG, 2020f, p. 113).

O rapaz do sonho viajou após fazer o exame, o que ocorreu três semanas depois do sonho, e mandou notícias da Espanha para Jung contando que o sonho havia se concretizado. Esse sonho foi comentado por Jung (2020f) como exemplo de sincronicidade e, anos antes, durante os *Seminários sobre sonhos de crianças*¹¹, na sessão de 25 de outubro de 1938, Jung disse que o inconsciente não possui qualquer noção temporal e, então, no dia-a-dia:

[...] sonhamos, por exemplo, com um motivo que terá importância somente no próximo dia ou quem sabe até mais adiante. O inconsciente pouco se importa com o nosso tempo ou a relação causal que estabelecemos entre as coisas. (JUNG, 2011, p. 22).

¹¹ JUNG, 2011.

Assim, parece que o inconsciente possui um saber *a priori*, mas a existência desse saber não é percebida. Porém, embora ausente da consciência, esse conhecimento poderia se revelar por meio dos sonhos, antecipando no tempo e no espaço um acontecimento futuro. O inconsciente coletivo é designado, por Jung, como “psique objetiva” porque ela é vivenciada externamente a nós. Von Franz (2011, p. 22) sublinha que ela “[...] parece ter algo como um conhecimento intuitivo extenso que alavanca o que está à nossa volta e que Jung chama de ‘conhecimento absoluto’ (já que está separado da consciência) ou de luminosidade do inconsciente.”

Na palestra IV, de 28 de novembro de 1928, publicada em *Seminários sobre análise de sonhos*¹², há uma passagem na qual Jung cita a relação entre os sonhos e a sincronicidade:

Somos movidos pelos sonhos, eles nos expressam e nós os expressamos, e há coincidências conectadas com eles. Nós deixamos de levar a sério as coincidências porque não podemos considerá-las causais. É verdade, cometeríamos um erro considerá-las causais. Os eventos não acontecem *por causa* dos sonhos, o que seria absurdo, não podemos jamais demonstrar isso; eles simplesmente acontecem [...]. O “sincronismo” é o preconceito do Oriente; a causalidade é o moderno preconceito do Ocidente. Quanto mais nos ocupamos com os sonhos, mais depararemos com essas coincidências – acasos. (JUNG, 2014, p. 63).

Interessante notar, em uma nota de rodapé dessa passagem, que essa teria sido a primeira vez que Jung usou o termo “sincronismo”, no sentido de sincronicidade. Porém, o termo “sincronicidade” teria sido publicado pela primeira vez em 1930, por ocasião do texto “Em memória de Richard Wilhelm”, que Jung escreveu em sua homenagem póstuma.

Para algo novo que surge, uma palavra nova é necessária e o termo “sincronicidade” foi cunhado por Jung para designar os fenômenos que não apresentavam conexão causal aparente, os chamados acasos. Em 1952, Jung expressou no prefácio de *Sincronicidade – um princípio de conexões acausais*:

Ao escrever este trabalho, cumpro, por assim dizer, uma promessa que, por muitos anos, não tive coragem de realizar [...]. Se venci minha hesitação e, finalmente, enfrentei o problema, foi sobretudo porque minhas experiências com os fenômenos de sincronicidade se acumularam década após década, enquanto, por outro lado, minhas pesquisas sobre a história dos símbolos e, em particular, sobre o símbolo do peixe, aproximaram-me cada vez mais do

¹² JUNG, 2014.

problema e, afinal, porque eu vinha fazendo referências à existência deste fenômeno aqui e acolá em meus escritos, já durante vinte anos, sem porém discuti-lo (*sic*) mais demoradamente. (JUNG, 2020f, p. 11).

Os acasos não são regidos pela causalidade, mas são fenômenos sincronísticos, ou das “coincidências significativas”, sendo explicados por um princípio no qual eventos físicos e psíquicos estão conectados pela significação. A sincronicidade deriva, assim, da relação significativa que liga os eventos e revela-se objetivamente em uma situação exterior que poderá ser confirmada posteriormente. No caso de acontecimentos futuros, sublinha Jung (2020f) que é preciso ter em mente a definição de sincronicidade como “simultaneidade de dois estados psíquicos diferentes” e considerar que não são eventos síncronos (sincrônicos), mas sim, sincronísticos, porque o acontecimento futuro é experimentado no presente como imagem psíquica, como se o evento concreto já existisse, embora ainda não tenha se confirmado na vida real.

Isso tudo levou Jung a questionar a causalidade, que pressupõe o espaço e o tempo, e incluir os fenômenos de sincronicidade como uma “[...] classe especial de acontecimentos naturais.” (JUNG, 2020f, p. 111, § 958).

Porém, é preciso ter cuidado para não identificar como evento sincronístico qualquer evento que não tenha uma causa conhecida. A esse respeito, Jung (2020f, p. 110, § 957) esclarece que “[...] devemos, naturalmente, precaver-nos de imaginar qualquer acontecimento cuja causa seja desconhecida como não tendo causa. Isto – como já insisti – só é permitido naqueles casos em que é impensável uma causa.”

Adiante, ele complementa que um fenômeno sincronístico acontece “[...] quando o espaço e o tempo perdem seu significado, isto é, tornam-se relativos, porque, em tais circunstâncias, a causalidade, que pressupõe o espaço e o tempo, torna-se quase impossível de ser determinada ou é simplesmente impensável.” (JUNG, 2020f, p. 111, § 957).

O inconsciente é indiferente ao passado, presente e futuro e, no caso da sincronicidade, a influência do tempo e do espaço torna-se relativa, porque as coincidências significativas acontecem independentemente deles. Assim, supondo que a sincronicidade não está submetida nem ao tempo nem ao espaço, perde-se a explicação causal; porém, a dificuldade de compreender tais fenômenos “[...] não é devida meramente à ignorância de sua causa, mas ao fato de que nosso intelecto é

incapaz de pensá-las com os meios de que dispõe atualmente.” (JUNG, 2020f, p. 111, § 957).

Hopcke (2018) alerta para um erro comum em que se confunde sincronicidade, um princípio de conexões acausais e significativas, com conexões causais. Ele exemplifica dizendo que, se penso em alguém em um determinado momento e essa pessoa me telefona, então, os meus pensamentos causaram o telefonema. Isso não é sincronicidade como Jung propõe porque, para ele, um estado interior não causa um evento exterior, mas existe uma coincidência fundada no significado subjetivo.

Adicionalmente, é plausível também supor que a sincronicidade rejeita a ligação interna entre todos os elementos que compõem o sonho. Sobre a formação da imagem onírica, Gallbach (2000, p. 22) salienta que “[...] nos sonhos, os eventos não estão conectados por relações de causalidade. Todos os elementos que os caracterizam – personagens, cenário, situações, emoções – estão conectados significativamente.”

Para constituir os fenômenos de sincronicidade, Jung (2020f) explica que dois fatores são importantes:

1) uma imagem inconsciente alcança a consciência de maneira direta (literalmente) ou indireta (simbolizada ou sugerida) sob a forma de sonho, associação ou premonição; 2) uma situação objetiva coincide com este conteúdo. (JUNG, 2020f, p. 41, §858).

Além disso, Jung relacionou três categorias de sincronicidade, sendo a primeira:

1. Coincidência de um estado psíquico do observador com um acontecimento objetivo externo simultâneo, que corresponde ao estado ou conteúdo psíquico (por exemplo, o escaravelho), no qual não há nenhuma evidência de uma conexão causal entre o estado psíquico e o acontecimento externo e onde, considerando-se a relativização psíquica do espaço e do tempo, acima constatada, tal conexão é simplesmente inconcebível. (JUNG, 2020f, p. 118).

O caso clássico de sincronicidade citado por Jung (2020f) é o da paciente cujo processo analítico encontrava-se paralisado e que sonhou com um escaravelho

dourado. Enquanto a paciente contava o sonho para Jung, o barulho de um inseto batendo na vidraça fez-se ouvir e tratava-se de um besouro-rosa, parecido com o escaravelho do sonho da paciente. Jung apanhou o besouro, mostrou-o à paciente e, a partir daí, o processo terapêutico “decolou”. Jung observou que os afetos tinham forte influência no bloqueio da consciência e quando ocorria um rebaixamento do nível da consciência propiciava-se a emersão dos conteúdos inconscientes e a manifestação dos fenômenos sincrônicos, como no caso relatado.

A segunda categoria diz respeito a:

2. Coincidência de um estado psíquico com um acontecimento exterior correspondente (mais ou menos simultâneo), que tem lugar fora do campo de observação do observador, ou seja, especialmente distante, e só se pode verificar posteriormente. (JUNG, 2020f, p. 118).

O exemplo que Jung (2020f) oferece é o do incêndio de Estocolmo, em 1756, que foi “visto” por Swedenborg, que estava em Gotemburgo, enquanto ocorria. Swedenborg descrevia como o incêndio se alastrava, tendo iniciado em torno das 18 horas, até ter sido controlado às 20 horas. Tudo o que aconteceu em Estocolmo foi confirmado e era idêntico às informações relatadas por Swedenborg.

Na terceira categoria, Jung (2020f, p. 118, § 974) aponta a “Coincidência de um estado psíquico com um acontecimento futuro, portanto, distante no tempo e ainda não presente, e que só pode ser verificado também posteriormente.” Nenhum exemplo é fornecido para essa categoria. Porém, Jung (2020f) agrega o seguinte comentário sobre os casos dois e três:

[...] os acontecimentos coincidentes ainda não estão presentes no campo de percepção do observador, mas foram antecipados no tempo, na medida em que só podem ser verificados posteriormente. Por este motivo, digo que semelhantes acontecimentos são *sincronísticos*, o que não deve ser confundido com *sincrônicos*. (JUNG 2020f, p. 118, § 975).

Frente a essas colocações, os sonhos telepáticos parecem se encaixar na segunda categoria e os sonhos precógnitos na terceira categoria.

No capítulo seguinte, iremos analisar os sonhos telepáticos e os sonhos precognitivos nas *Cartas* de Jung. Antes disso, porém, iremos expor o que Freud

escreveu a respeito dos sonhos e dos fenômenos psíquicos, em particular suas ideias sobre a telepatia.

3.2 Os sonhos e os fenômenos psíquicos na visão de Freud

Há muito tempo pude observar alguns sonhos extremamente curiosos surgidos na primeira infância, como por exemplo, os primeiros sonhos de que os pacientes tinham lembrança. Eram “grandes sonhos”, cujo conteúdo muitas vezes não era de modo algum infantil, de maneira que me convenci imediatamente de que poderiam ser explicados por meio da psicologia dos pais. (JUNG, 2020e, p. 62).

Guimarães (2004) situa que a questão dos fenômenos parapsicológicos – nomeados também de extrassensoriais, paranormais, psíquicos ou “ocultos”, como se chamavam no século XIX – interessou a muitos cientistas importantes, incluindo Jung e Freud. Diz Guimarães (2004) que grandes nomes como o astrônomo Camille Flammarion; Charles Richet, Nobel da Medicina em 1913 e pai da Metapsíquica; os renomados físicos William Crookes e Oliver Lodge; o biólogo Alfred Russell Wallace; o criminologista italiano Cesare Lombroso; o médico alemão Alfred von Schrenck-Notzing e Karl Friedrich Zöllner foram alguns dentre muitos que estudaram abundantemente os fenômenos psíquicos no século XIX.

O interesse de Jung pelos fenômenos ocultos fez com que ele se aproximasse de alguns eminentes cientistas. No campo da psicologia, o Dr. Théodore Flournoy, médico e filósofo, foi amigo estimado de Jung, pois, diz ele em *Memórias, sonhos e reflexões*, que “[...] podia tratar com ele de todos os problemas que me ocupavam, do sonambulismo, por exemplo, da parapsicologia e da psicologia da religião.” (JUNG, 1963, p. 325). Flournoy dedicou-se ao estudo de um caso de sonambulismo com a sensível Helène Smith e que está publicado em sua obra *Da Índia ao Planeta Marte: um Estudo de Caso de Sonambulismo com Glossolalia*, de 1900. Jung (1963) conta que leu esse livro enquanto era médico no Burghölzli e comenta, em uma carta ao Prof. Edward Vernon Tenny, de 23 de fevereiro de 1955, sobre a glossolalia relacionando-a à criptomnésia, fenômeno bastante estudado por Flournoy:

Falar em línguas (glossolalia) pode ser observado em casos de êxtase (= *abaissement du niveau mental*, domínio do inconsciente). [...] Há relatos de casos de médiuns que falavam línguas estranhas que não conheciam quando em estado normal. Théodore Flournoy em Genebra relatou um caso desses, demonstrando que se tratava de sânscrito criptomnésico: o médium o havia pego numa gramática de sânscrito de cuja existência ninguém sabia. (JUNG, 2018b, p. 395).

Em uma carta de 17 de junho de 1958, que Jung escreveu a Kurt Wolff, ele revela como foi seu encontro com William James, com quem esteve apenas duas vezes, conversou por, no máximo, uma hora, e com quem nunca trocou correspondências: “[...] eu estava particularmente interessado em conhecer a opinião dele sobre os chamados ‘fenômenos ocultos’.” (JUNG, 2018c, p. 164).

Jung (2018c) também relata em uma carta do fim de sua vida e escrita para Walter Schaffner, em 16 de fevereiro de 1961, que foram realizadas experiências com fenômenos psíquicos na clínica de Burghölzi. A nota 2 esclarece que tais experiências ocorrem nos anos 1920, com o médium Schneider e na presença do parapsicólogo Albert Schrenk-Notzing e do Prof. Bleuler. Além dessas sessões, a nota menciona que, nos anos 1930, Jung e o Prof. Bleuler participaram de experiências com o médium O. Schl., na casa do Prof. Rudolf Bernoulli.

Com base em Guimarães (2004), tomamos a seguinte definição de fenômenos psíquicos (equivalente a fenômenos “Psi”):

[...] todo e qualquer evento que esteja atrelado a ocorrências significativas não-ordinárias marcantes para uma ou algumas pessoas, envolvendo a obtenção de informações por vias não comuns e/ou na produção de manifestações físicas que aparentem expressar uma ação inteligente não passível de ser explicada a contento por causas físicas ou ordinárias. (GUIMARÃES, 2004, p. 13).

Guimarães (2004) cita a classificação de fenômenos psíquicos, segundo o parapsicólogo norte-americano Dr. Joseph Banks Rhine, na qual a telepatia e a precognição se enquadram como formas de percepção extrassensorial (PES). Para esse autor, a telepatia é a capacidade da mente de uma pessoa (receptor) receber informações contidas na mente de outra pessoa (emissor) e a precognição é a capacidade de prever um fato futuro sem que se conheçam as causas que o antecedem, ou sem que essas ainda se tenham dado.

Em meio à efervescência de estudos dedicados aos fenômenos psíquicos na segunda metade o século XIX, o tema também fez parte do relacionamento de Jung com Freud e acabou criando um impasse entre os dois.

Jung (1963) conta em sua “autobiografia” que, em 1909, fez uma visita a Freud, em Viena, e perguntou-lhe quais eram as opiniões dele a respeito da precognição e da parapsicologia. Eventos intrigantes aconteceram durante a exposição de ideias materialistas de Freud sobre o assunto: Jung sentia o diafragma queimar e, simultaneamente, a estante da sala estalou assustando-os. Jung disse que se tratava de um “fenômeno catalítico de exteriorização”, ao que Freud revidou dizendo que aquilo era um “disparate”. Em seguida, disse a Freud que o fenômeno se repetiria, como de fato, aconteceu, embora Jung afirmasse que não sabia como tinha essa certeza. Isso causou uma forte indisposição em Freud, que, segundo Jung, olhou-o “horrorizado”. Após o episódio, Freud (1963) escreveu a Jung, em resposta a uma carta de 02 de abril de 1909, referindo-se aos estalos da estante e aconselhando Jung que não se ocupasse com aquelas tolices, demonstrando desprezo e preconceito pelo assunto do “ocultismo”. Na carta de 16 de abril de 1909, Freud relata a Jung as experiências que continuou a fazer depois daqueles estalos, bem como as suas conclusões:

Não nego a forte impressão que suas comunicações e experiências me provocaram. Propusera-me, depois de sua partida, a fazer algumas observações; dou-lhe aqui os resultados. No meu primeiro quarto, os estalidos são contínuos, lá, onde as duas pesadas estelas egípcias repousam sobre as tábuas de carvalho da biblioteca; isso está claro. No segundo – naquele onde os havíamos ouvido –, os estalidos são muito raros. No início acreditei que poder-se-ia ver nisso uma espécie de prova, se os ruídos que ouvíamos tão frequentemente quando você estava presente, cessassem após a sua partida. Ora, depois, repetiram-se muitas vezes, porém nunca se relacionando com os meus pensamentos ou quando me ocupava de você, e de seu problema particular. (muito menos agora, acrescentaria eu, por desafio). Ademais, outra coisa retirou logo à observação uma parte de seu significado. Minha credulidade, ou pelo menos minha boa vontade de ser crédulo, desapareceu com o encanto mágico de sua presença; não sei por quais motivos interiores, pareceu-me de novo totalmente improvável que se produza o que quer que seja deste gênero; os móveis provados de espírito estão diante de mim, como a natureza privada dos deuses diante do poeta, após o desaparecimento dos deuses da Grécia. (JUNG, 1963, p. 317).

De acordo com Jung (1963), Freud considerava a sexualidade como uma realidade numinosa e, em uma conversa que tiveram em Viena, em 1910, Freud

pediu-lhe que fizesse da sexualidade um “baluarte” e um “dogma” contra a “[...] onda de lodo negro do ocultismo.” (JUNG, 1963, p. 136). Essa declaração impactou negativamente Jung e abalou a amizade deles, pois nunca haveriam de concordar sobre isso. Escreve Jung:

Freud parecia entender por “ocultismo”, aproximadamente, tudo o que a filosofia e a religião – assim como a parapsicologia nascente – diziam da alma. Mas para mim a teoria sexual era tão “oculta” – isto é, não demonstrada, ainda mera hipótese como tantas outras concepções especulativas. Eu considerava uma verdade científica como uma hipótese, momentaneamente satisfatória, mas não um artigo de fé eternamente válido. (JUNG, 1963, p. 136).

Apesar da atitude cética e radical de Freud sobre o “ocultismo”, Guimarães (2004) relata que ele se inclinava particularmente ao estudo da telepatia, como confirmam seus biógrafos Ernest Jones e Peter Gay e, inclusive, sua filha Anna teria participado de alguns experimentos. Além de Jung, Guimarães (2004) conta que Sandor Ferencz também se interessava pelos fenômenos ocultos e Freud chegou a sugerir que ele se juntasse a Jung para levarem a cabo uma pesquisa sobre o assunto com base na psicanálise. Surpreendentemente, Freud foi membro correspondente de duas sociedades ligadas às pesquisas com fenômenos psíquicos: em 1911, filou-se à Society of Psychic Research e, em 1915, à equivalente associação nos Estados Unidos. Jones (1989 *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 95) revela que Freud enviou uma carta a Max Eitingon, em 4 de fevereiro de 1921, dizendo que os fenômenos ocultos seriam como “[...] uma maçã verde cujo pensamento o fazia estremecer, mas ao qual não poderia deixar de morder.” (JONES, 1989 *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 95).

De fato, Freud dedicou-se ao tema e possui três textos relacionados à telepatia. Em 1921, escreveu *Psicanálise e Telepatia*, que iria apresentar no Congresso Psicanalítico Internacional, mas foi desaconselhado por Jones a fazê-lo porque a psicanálise já sofria muitas críticas, ficando a leitura restrita a um grupo de pessoas mais próximas de Freud como o próprio Jones, Ferencz, Abraham e Sachs. Nesse escrito, Freud trata de casos de profecias não realizadas. Em 1922, surgiu *Sonhos e Telepatia* que, juntamente com *Psicanálise e Telepatia*, foi publicado após a morte de Freud, ocorrida em 1939. O terceiro texto é uma conferência de 1933, chamada *Sonhos e Ocultismo*. A seguir, vamos resumir brevemente as ideias de

Freud aventadas nas produções de 1922 e 1933 porque são relativas aos sonhos e telepatia.

Em *Sonhos e Telepatia*, de 1922, Freud investiga a telepatia analisando a carta de um homem que teve um sonho premonitório com a filha. Esse caso será recontado por Freud na conferência de 1933, *Sonhos e Ocultismo*. O homem narra que a filha era casada, morava em Berlim e estava grávida de seu primeiro filho. O nascimento do bebê estava previsto para dezembro e o homem, avô do bebê, planejava viajar para Berlim para poder acompanhar a filha desde o início da maternidade. Ele teve um sonho na noite do dia 16 para 17 de novembro, alguns dias antes de viajar. Nesse sonho, sua segunda esposa e madrasta da filha tinha dado à luz gêmeos. Eles não desejavam ter filhos e nem mesmo mantinham relações sexuais. No dia seguinte, 18 de novembro, o homem recebeu o telegrama do genro, informando sobre nascimento de gêmeos, que havia ocorrido na mesma hora em que tivera o sonho, na noite de 16 para 17 de novembro. O homem, então, perguntava a Freud se ele pensava ser acidental a coincidência entre o sonho e o nascimento dos netos gêmeos. Eis a interpretação de Freud para o sonho:

Era esse um homem insatisfeito com sua segunda esposa, que preferiria que sua esposa fosse como a filha de seu primeiro casamento. Esse 'como' desapareceu, naturalmente, no que se referia ao inconsciente. E agora a mensagem telepática chegada durante a noite, para dizer que sua filha havia tido gêmeos. A elaboração onírica assumiu o controle da notícia, permitiu que o desejo inconsciente operasse sobre ela – o desejo de ele poder colocar a filha no lugar da segunda esposa – e assim surgiu o enigmático sonho manifesto, que disfarçou o desejo e deformou a mensagem. Devemos admitir que é só a interpretação do sonho que nos mostrou que era um sonho telepático: a psicanálise revelou um evento telepático que de outra forma não haveríamos de descobrir. (FREUD, 1977, p. 27).

Dessa forma, Freud conclui que a interpretação do sonho segundo a psicanálise, e não o sonho propriamente dito, pode ajudar a esclarecer os fenômenos ocultos. Nesse caso, embora haja uma aproximação entre o fato real e a telepatia, o interesse de Freud concentra-se na interpretação do sonho, pois: “[...] o problema da telepatia interessa aos sonhos tanto quanto o problema da ansiedade.” (FREUD, 1977, p. 250). Freud sublinha que há um envolvimento incestuoso do pai com a filha, que o mobiliza, tornando o momento do parto da filha um estímulo externo a ser utilizado como material pelo aparelho psíquico para manifestar aquilo

que foi reprimido. Vale enfatizar que nesse exemplo existe uma ligação intensa entre os envolvidos devido ao vínculo parental. Em virtude dessa forte ligação, Freud remete-se ao tipo de comunicação que pai e filha experimentaram quando a filha era bebê e o pai era tomado pela função materna, e finaliza acrescentando “[...] a observação de que os exemplos de mensagens ou produções telepáticas aqui estudadas estão claramente vinculados a emoções pertinentes à esfera do complexo de Édipo.” (FREUD, 1977, p. 263).

Na conferência de 1933, *Sonhos e Ocultismo*, Freud inicia dizendo que, apesar dos estudos científicos sobre os sonhos, nos quais ele se inclui, os sonhos são considerados como “[...] o portão de entrada para o mundo do misticismo, e, mesmo hoje em dia, são vistos por muitas pessoas como fenômeno oculto.” (FREUD, 1977, p. 21). Ele situa as palavras ocultismo e misticismo, sem definir os conceitos, no campo de “[...] alguma espécie de ‘outro mundo’, situado além deste mundo visível, governado por leis imutáveis, construído para nós pela ciência.” (FREUD, 1977, p. 21).

Freud coloca o problema de se examinar o ocultismo como material científico e aborda três fatores. Do ponto de vista intelectual, que seria o primeiro fator, ele faz uma analogia com a hipótese de alguém que supõe que o centro da Terra seria formado por geleia, o que não teria nenhuma plausibilidade, mas diz que não se deve fazer uma condenação prematura de hipóteses a serem estudadas e lembra que a própria psicanálise foi vítima de preconceito ao propor a existência de um inconsciente.

No segundo fator, o aspecto psicológico, Freud observa que há uma tendência humana à credulidade e à crença no miraculoso que se manifesta como uma resistência à razão, pois ela nos priva de possibilidades de prazer. Ele conclui que o ser humano é “favorável às afirmações do ocultismo na medida em que esses pretensos fatos podem ser tomados como rupturas de leis e de regras.” (FREUD, 1977, p. 23).

Quanto ao terceiro fator, o histórico, Freud aponta que a ocorrência de acontecimentos miraculosos, profecias e aparições desde tempos remotos da humanidade existem e estão relatados nos livros antigos. Por isso, deve-se levar em consideração o secreto interesse religioso pelo ocultismo devido ao fato de o avanço da ciência ameaçar a religião. No entanto, Freud ressalta que a investigação dos

fenômenos ocultos passa por uma dificuldade ao depender de “médiums”, que são “[...] indivíduos aos quais se atribuem faculdades especialmente ‘sensíveis’, mas que de modo algum se distinguem por qualidades excepcionais de inteligência ou de caráter” (FREUD, 1977, p. 24). Segundo ele, não são pessoas dignas de confiança visto que alguns até já foram desmascarados devido às suas farsas. Então, ele reconhece nos sonhos um meio de se buscar saber qual é o fundamento real nos fatos do ocultismo e destaca a telepatia.

Por outro lado, Freud minimiza a relação dos sonhos com a telepatia dizendo que o fenômeno pode ocorrer também no estado de vigília. Além disso, diferencia sonhos de estado de sono, sendo que o último seria o responsável por criar as condições adequadas para a recepção das mensagens telepáticas e, assim, propiciaria o sonho telepático. A mensagem telepática é comparável aos resíduos diurnos por desempenhar o mesmo papel que esse último, sendo modificada e transformada de acordo com os propósitos do sonho. Freud (1977) evidencia o papel do interesse afetivo entre a parte emissora e a parte receptora da informação nos eventos telepáticos e, para ele, a telepatia consiste em um processo comparável a uma ligação telefônica.

Supõe-se que o processo telepático consiste num ato mental que se realiza numa pessoa e que faz surgir o mesmo ato mental em uma outra pessoa. Aquilo que se situa entre esses dois atos mentais facilmente pode ser um processo físico, no qual o processo mental é transformado, em um dos extremos, e que é reconvertido, mais uma vez, no mesmo processo mental no outro extremo. (FREUD, 1977, p. 38).

Por meio de exemplos de casos de profecias, Freud (1977, p. 29) conclui que o adivinho expressa “[...] os desejos secretos daqueles que vinham consultá-lo, e que, portanto, estávamos autorizados a analisar essas profecias como sendo produções subjetivas, fantasias ou sonhos das pessoas em questão.”

Assim, Freud levanta uma interessante hipótese de que a telepatia estaria presente nas comunidades de insetos e na vida humana, tanto em seus primórdios do desenvolvimento bem como em situações coletivas e propõe que esse seria o “[...] método original, arcaico, de comunicação entre indivíduos e que, no decurso da evolução filogenética, foi substituído pelo método melhor de dar informações com o auxílio de sinais captados pelos órgãos dos sentidos.” (FREUD, 1977, p. 38). Em

seguida, observa que, embora o método original possa ter sido superado ao longo da evolução, seria possível que se mantivesse “oculto” e pudesse ser acionado em situações determinadas como, “[...] por exemplo, em multidões de pessoas apaixonadamente excitadas.” (FREUD, 1977, p. 38).

O último ponto que Freud levanta é sobre a transmissão de pensamento nas crianças. Ele dá o exemplo de um caso da psicanalista Dorothy Burlingham, publicado em 1932, em que mãe e filho estavam em análise:

Um dia, a mãe, durante sua sessão analítica, falou de uma moeda de ouro que tinha desempenhado um papel especial em uma das cenas de sua infância. Imediatamente depois, tendo retornado a casa, seu filhinho, de cerca de dez anos, veio até o quarto dela e lhe trouxe uma moeda de ouro e pediu-lhe que ela a guardasse para ele. Surpresa, ela lhe perguntou de onde ele a tinha obtido. Haviam lhe dado a moeda no seu aniversário; mas o aniversário do menino tinha transcorrido diversos meses antes e não havia motivo para a criança dever lembrar-se da moeda de ouro justamente agora. A mãe referiu a ocorrência à analista do filho e pediu-lhe para descobrir junto à criança o motivo de sua ação. A análise da criança, contudo, não elucidou nada do assunto; a ação se havia intrometido, naquele dia, na vida da criança, como se fora um corpo estranho. Poucas semanas depois, a mãe estava sentada à sua escrivaninha, redigindo, como lhe havia sido dito que fizesse, um relato da experiência, quando entrou o menino e lhe pediu de volta a moeda de ouro, pois queria tê-la consigo para mostrar em sua sessão de análise. Mais uma vez, a análise da criança não pôde descobrir explicação alguma para esse desejo. (FREUD, 1977, p. 39).

Abrindo parênteses por causa desse caso relatado por Freud, parece ser oportuno comentar que a capacidade do inconsciente para captar e entrar em sintonia com o inconsciente de outra pessoa também já era conhecida e discutida por Jung, desde 1909, quando apresentou uma preleção na Universidade Clark, nos EUA, depois publicada sob o título de *Constelação Familiar* (JUNG, 2020d, p. 157). Nesse trabalho, ele apresenta o resultado de um estudo com o teste de associação de palavras com famílias, onde foi observado que, em alguns casos, as associações de membros da família apresentavam um índice elevado de similaridade, indicando uma identidade psíquica. Por exemplo, a filha estava identificada com a mãe e repetia as escolhas e comportamentos da mãe, vivendo os complexos da mãe, estabelecendo um padrão que se refletia em uma verdadeira “maldição familiar”.

Nos comentários finais de sua conferência, Freud faz um depoimento manifestando o seu antigo receio de que o lugar da ciência pudesse ter sido ocupado pelo espiritualismo e pelo misticismo. Entretanto, ele afirma que mudou de

opinião e conclui que “[...] não mostra grande confiança na ciência quem não pensa ser possível assimilar e utilizar tudo aquilo que talvez venha a se revelar verdadeiro nas assertivas dos ocultistas.” (FREUD, 1977, p. 38). No próximo capítulo, iremos expor o método que será utilizado para analisar as cartas de Jung sobre os sonhos telepáticos e precognitivos.

4 MÉTODO

O objetivo específico deste trabalho é o estudo dos sonhos telepáticos e precognitivos, o qual foi realizado por meio da análise dos textos das cartas encontradas nos três volumes de *Cartas* de Jung. Para que fosse realizada tal análise, foi proposto um método cuja aplicação foi dividida em duas etapas, incluindo a sequência que recomenda Penna (2009, p. 100): “[...] descrição, análise, compreensão e discussão formam um todo que evolui para uma visão integrada do processo de pesquisa.”

A primeira etapa do método foi implementada em dois passos. O primeiro passo foi dedicado ao levantamento e seleção das cartas nos três volumes de *Cartas* e, para tal, adotou-se a utilização de palavras-chave como procedimento de coleta.

As palavras-chave inicialmente eleitas corresponderam diretamente aos termos que são objeto deste trabalho: “sonho”, “sonhos”, “sonhos telepáticos” e “sonhos precognitivos”, as quais foram pesquisadas no índice analítico dos três volumes de *Cartas*. O termo “sonhos telepáticos” não consta no índice analítico e, por isso, foram acrescentadas outras palavras-chave que se aproximassem do tema pesquisado, tais como: “sonho profético”, “sonho antecipatório” e “sonho premonitório”. As cartas que foram selecionadas a partir das palavras-chave “sonho” e “sonhos” tiveram como critério o exame dos textos, sendo coletadas somente aquelas cujos conteúdos referiam-se a elementos que indicassem uma conexão com sonhos telepáticos ou sonhos precognitivos. O material reunido nesse primeiro momento foi chamado de “cartas selecionadas” e constitui a base da análise que será realizada.

Como sonhos telepáticos e sonhos precognitivos estão ligados, respectivamente, à ocorrência de percepções extrassensoriais de telepatia e precognição, a pesquisa foi ampliada utilizando-se as palavras-chave “telepatia” e “precognição”. Dessa forma, foram coletadas as cartas chamadas de “acessórias” e que foram escolhidas a fim de servir como subsídio aos comentários e contribuir para a finalidade da análise compreensiva das “cartas selecionadas”. Nem todas as cartas buscadas com as palavras-chave “telepatia” e “precognição” foram escolhidas, mas apenas aquelas cujo conteúdo se compatibilizou com o assunto tratado nas “cartas selecionadas” durante o primeiro passo.

Cumprе alertar que as palavras-chave podem restringir o levantamento das cartas, correndo-se o risco de que haja alguma perda na amostra de cartas que foram selecionadas e não se obtenha o total efetivo de cartas ligadas aos sonhos telepáticos e precognitivos presente em *Cartas*. Além disso, cabe ressaltar que o material das *Cartas* apresenta uma limitação e algumas dificuldades são encontradas diante dele para realizar esta pesquisa, pois estão publicadas somente as respostas de Jung aos destinatários e não são conhecidas as cartas enviadas por esses últimos. Por essa razão, algumas cartas não são totalmente inteligíveis e poderá haver uma lacuna de conhecimento sobre seus conteúdos.

Após o levantamento e seleção, no segundo passo da primeira etapa do método, as “cartas selecionadas” e as “cartas acessórias” foram compiladas em tabelas separadas a fim de organizar e apresentar o material pesquisado. Essas tabelas apresentam a lista de cartas organizadas por ordem cronológica conforme a data em que foram escritas e, para cada carta listada, as colunas da tabela indicam: o volume da publicação, a página em que a carta está publicada no livro, o nome do destinatário, a data da carta, a etapa de desenvolvimento do método sintético construtivo e o assunto destacado na carta.

Até este ponto, trabalhou-se a primeira etapa do método, que visou levantar, selecionar, organizar e apresentar o material coletado. A tabela com as “cartas selecionadas” encontra-se no capítulo 5, item 5.1 Análise descritiva, e a tabela com as “cartas acessórias” está disponível no Anexo A. A análise descritiva propõe-se a expor os dados que estão na tabela das “cartas selecionadas” e que formam o material sobre o qual foi elaborada a análise compreensiva.

O objetivo da primeira etapa do método é, portanto, prover o material que serve de base para, na segunda etapa do estudo, ser realizada a análise compreensiva do material das “cartas selecionadas”.

A análise compreensiva consiste em elaborar comentários sobre as “cartas selecionadas”, que foram articulados com as “cartas acessórias”, a teoria apresentada no capítulo 3 e a etapa do desenvolvimento do método construtivo sintético correspondente à data da carta. As etapas do desenvolvimento do método construtivo sintético adotadas seguem a proposta de Penna (2013):

- 1- Fraternidade Zofíngia: 1896-1900.

- 2- Burgholzi: 1900-1909.
- 3- Freud e a psicanálise: 1906-1912.
- 4- Divergências com a psicanálise: 1909-1913.
- 5- Psicologia Analítica: 1914-1928.
- 6- Revisão, ampliação e consolidação do paradigma: 1930-1949.
- 7- Síntese final: 1950-1961.

Para o desenvolvimento dos comentários, foram destacados os trechos das “cartas selecionadas” que remetem às questões ligadas aos sonhos telepáticos e precognitivos, atentando para o fato de que tais questões emergem do próprio texto dessas cartas. Na tabela das “cartas selecionadas”, as questões que são tratadas nos trechos destacados dessas cartas estão identificadas na coluna “assunto”.

No item 5.2, a análise compreensiva das cartas foi apresentada tendo como critério o agrupamento das “cartas selecionadas” de acordo com as etapas do método construtivo sintético a que correspondem. Assim, ao estabelecer a correspondência das “cartas selecionadas” com a etapa de desenvolvimento do método construtivo sintético, pretendeu-se tentar compreender o que está sendo dito por Jung a respeito dos sonhos telepáticos e precognitivos nas *Cartas*, situando em que contexto da vida pessoal e acadêmica de Jung estão inseridas tais ideias e questões presentes nas “cartas selecionadas”.

A análise compreensiva tem como função a exploração circum-ambulatoria do material simbólico, que neste caso é o material das “cartas selecionadas”, e que permite a detecção dos aspectos desconhecidos do material simbólico sobre o qual o pesquisador se debruça. Nas palavras de Penna (2009), entende-se o seguinte:

Com a compreensão do material de pesquisa, o pesquisador pretende descobrir facetas desconhecidas (inconscientes) do símbolo [...] Os aspectos conhecidos do fenômeno são as facetas evidentes do símbolo pelas quais ele se apresenta e é captado e registrado. Seus aspectos desconhecidos são as incógnitas a serem investigadas e, na medida do possível, respondidas ou compreendidas no processo de pesquisa. (PENNA, 2009, p. 101).

Após a análise compreensiva, no item 5.3 apresenta-se a discussão dos resultados abarcando a síntese compreensiva derivada dos comentários baseados nas “cartas selecionadas” em conexão com as “cartas acessórias”, a teoria exposta

na cap. 3 e articulando-se às etapas do desenvolvimento do método construtivo sintético, segundo Penna (2013).

5 ANÁLISE DOS SONHOS TELEPÁTICOS E PRECOGNITIVOS NAS CARTAS DE JUNG

Durante muitos anos interpretei em torno de 2000 sonhos por ano, o que me deu certa experiência nesse campo. (JUNG, 2018b, p. 361)

Da carta de 8 de novembro de 1954, destinada ao Prof. Calvin S. Hall, foi retirado o trecho em epígrafe, no qual Jung (2018b) revela que interpretou cerca de dois mil sonhos por ano. Embora não tenha estipulado durante quantos anos fez isso, na carta enviada a o Prof. Jordan, em 1934, Jung (2018a) declara que se interessava pelos sonhos há trinta e cinco anos. Portanto, pode-se inferir que, em 1954, já seriam cinquenta e cinco anos trabalho de Jung com os sonhos e uma centena de milhares de sonhos. Ele diz que isso lhe deu “certa experiência” no ramo, o que nos sugere duas maneiras de entender. Na primeira delas, pode-se supor que ele possui apropriada experiência junto ao estudo dos sonhos devido à quantidade analisada. Porém, “certa experiência” também pode significar alguma experiência, em uma conotação de cautela e humildade diante do conhecimento. As duas acepções parecem consoantes com o seu ponto de vista ao argumentar, na mesma missiva: “[...] a minha dificuldade está em aturar críticas desatentas e superficiais.” (JUNG, 2018b, p. 361). Assim, essa afirmação sugere que Jung não tinha a pretensão de dar a palavra final, apesar de sua larga experiência com os sonhos, porém, era exigente quanto à qualidade das críticas e estaria aberto a elas desde que fossem pertinentes e consistentes.

Desse modo, tendo como referência o conhecimento de Jung devido à sua “certa experiência” com os sonhos, a intenção neste capítulo será realizar a análise descritiva e a análise compreensiva do material relativo a sonhos telepáticos e precognitivos coletado nas *Cartas* de Jung e, em seguida, sintetizar os resultados obtidos.

5.1 Análise descritiva

De acordo com o método descrito no capítulo 4, foram realizados o levantamento e a seleção das cartas que contêm ideias relativas a sonhos telepáticos e precognitivos nos três volumes de *Cartas* (2018a, 2018b, 2018c).

Para selecionar as cartas, foram utilizadas palavras-chave eleitas previamente e a amostra coletada foi organizada em uma tabela. Baseando-se na tabela, em primeiro lugar, será feita a análise descritiva das cartas selecionadas que compõem o material que serve de fonte e será utilizado para a posterior análise compreensiva.

As cartas selecionadas estão listadas na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Cartas selecionadas em *Cartas* (13 cartas)

VOLUME	PÁG.	DESTINATÁRIO	DATA	ETAPA	ASSUNTO
1 1906-1945	108	Prof. Gustav Schmaltz	09/04/1932	Revisão 1930-1949	Sonhos que antecipam fatos.
1	294	Dr. Helton Godwin Baynes	12/08/1940	Revisão 1930-1949	“Sonho visionário” de Jung anunciando a Segunda Guerra Mundial.
1	324	Mrs. Alice Levisohn Crowley	20/07/1942	Revisão 1930-1949	Sonhos de Mrs. Crowley que anteciparam sonhos de Jung.
1	393	Dr. Laurence Bendit	12/11/1945	Revisão 1930-1949	Qualidade profética dos sonhos e John W. Dunne.
2 1946-1955	54	Father Victor White	06/11/1946	Revisão 1930-1949	Sonho do Pastor White e premonições de Jung.
2	66	Erna Asbeck	07/05/1947	Revisão 1930-1949	Sonhos precógnitos.
2	288	Dr. James Kirsch	28/05/1953	Síntese final	Sonhos premonitórios e a morte de Toni Wolff.

				1950-1961	
2	316	E. L. Grant Watson	25/01/1954	Síntese final 1950-1961	Sonho como antecipação de uma vida mental após a morte.
3 1956-1961	32	Dra. N.	26/06/1956	Síntese final 1950-1961	Sonho que previu a morte de Emma Jung.
3	188	Dieter Meyer	26/01/1959	Síntese final 1950-1961	Previsão real em um sonho e sentimento de “ <i>déjà-vu</i> ”.
3	242	Mother Prioress of a Contemplative Order	06/02/1960	Síntese final 1950-1961	Sonhos premonitórios de Jung sobre a saúde do Pastor White.
3	281	Ver. W. P. Wicutt	24/08/1960	Síntese final 1950-1961	Relação entre oráculos do I Ching e sonhos.
3	300	Peter Birkhauser	02/11/1960	Síntese final 1950-1961	Sonho premonitório de Jung sobre sua própria doença.

FONTE: A autora, 2021.

Segundo a Tabela 1, foi coletado um total de treze cartas, pesquisadas por meio das seguintes palavras-chave no índice analítico dos três volumes de *Cartas*: “sonho precógnito” (ou “precognitivo”), “sonho profético”, “sonho antecipatório”, “sonho premonitório”, “sonho telepático”, “sonho” e “sonhos”.

Na etapa do levantamento, foram observadas algumas contingências. No índice analítico, não existem os termos “sonho telepático”, “sonho profético” e “sonho antecipatório” e, por conseguinte, não foi encontrada nenhuma carta com essas palavras-chave. Nesse índice, foi identificada uma carta com a palavra-chave “sonho precógnito” (carta a Erna Asbeck, de 07 de maio de 1947) e uma carta com “sonho premonitório” (carta ao Dr. James Kirsch, de 28 de maio de 1953). Pesquisando com as palavras-chave “sonho” e “sonhos”, foram achadas as demais onze cartas, cujos textos fazem menção a sonhos que indicam premonições, previsão, antecipação de fatos, “sonho visionário”, a qualidade profética dos sonhos e oráculo.

Vale ressaltar que a coleta das cartas baseou-se em palavras-chave eleitas previamente e pode ser que alguma carta de interesse ao estudo em questão tenha escapado devido a essa restrição, conforme alertado no capítulo 4. Apesar disso, supõe-se que o conjunto de cartas selecionadas seja suficiente para que se consiga analisar e compreender o que Jung disse a respeito dos sonhos telepáticos e precognitivos em *Cartas*.

Conforme a Tabela 1, as treze cartas selecionadas estão distribuídas da seguinte maneira: quatro no primeiro volume, quatro no segundo e cinco no terceiro, sendo que cada carta foi dirigida a um destinatário diferente. Desse total, as seis primeiras cartas estão relacionadas à etapa do desenvolvimento do método construtivo sintético chamada “Revisão, ampliação e consolidação do paradigma” (1930-1949) e as outras sete estão ligadas à etapa da “Síntese Final” (1950-1961), ou seja, as treze cartas estão concentradas nos últimos trinta anos da vida de Jung. Como Jung morreu idoso, prestes a completar oitenta e seis anos, essas cartas situam-se a partir dos seus cinquenta e cinco anos, quando ele já era um homem maduro na segunda metade da vida.

Quanto aos assuntos tratados nas cartas selecionadas, as seis que correspondem à etapa da “Revisão, ampliação e consolidação do paradigma” (1930-1949) apresentam como tema central a antecipação de fatos pelo inconsciente. Das sete cartas que se inserem na etapa da “Síntese Final” (1950-1961), cinco delas voltam-se para os temas da doença e da morte; uma carta refere-se ao sentimento de “déjà-vu” e a ocorrência de uma previsão real em um sonho e a última compara o *I Ching* aos sonhos, como sendo uma possibilidade de antecipar o futuro.

Quanto às “cartas acessórias” que se encontram no Anexo A, foram coletadas vinte e quatro cartas para compor os comentários da análise compreensiva referente às treze “cartas selecionadas” que constituem o material principal da pesquisa. Do total de “cartas acessórias”, dez correspondem à etapa da “Revisão, ampliação e consolidação do paradigma” (1930-1949) e catorze são compatíveis com a “Síntese Final” (1950-1961).

Destacam-se os seguintes destinatários das “cartas acessórias”: o físico W. Pauli (uma carta), o parapsicólogo J. B. Rhine (oito cartas), o físico alemão Pascual Jordan (duas cartas), Erich Neumann (duas cartas) e o Padre Victor White (duas cartas).

A seguir, serão expostas a análise compreensiva e a discussão dos resultados com base nas cartas selecionadas e agrupadas, cronologicamente, de acordo com a etapa do desenvolvimento do método construtivo sintético a que correspondem.

5.2 Análise compreensiva

As datas das treze cartas selecionadas e que serão abordadas nesta análise correspondem exatamente aos últimos trinta anos da vida de Jung, equivalentes às etapas da “Revisão, ampliação e consolidação do paradigma” (1930-1949) e da “Síntese Final” (1950-1961), conforme as etapas do método construtivo sintético expostas por Penna (2013). Nesse período, Jung já se encontra na segunda metade de sua vida – em 1930 ele completou cinquenta e cinco anos.

Segundo Stein (2006), tendo em vista o início das atividades profissionais de Jung em 1900, como médico no Hospital Burghölzli, até sua morte em 1961, “[...] o ano de 1930 divide a vida profissional de Jung em duas metades quase exatamente iguais [...] os primeiros trinta anos de atividade profissional foram profundamente criativos.” (STEIN, 2006, p. 14). Dessa forma, o início da etapa da “Revisão, ampliação e consolidação do paradigma”, em 1930, constitui-se em um marco na vida e obra de Jung. Daqui em diante, será adotado apenas o termo “Revisão” para fazer menção a essa etapa.

No entanto, para Stein (2006), os últimos trinta anos, compreendendo o período de 1930 a 1961, embora tenham sido menos criativos que os primeiros, caracterizam-se por haver maior produção de livros e artigos, e foi quando Jung procurou o aprofundamento e a validação de hipóteses anteriores.

De acordo com Penna (2013), de 1930 a 1949 houve uma grande revisão de textos anteriores e a reformulação de alguns conceitos, tais como complexo, inconsciente coletivo e arquétipo, além de retomada do tema relativo à natureza e à dinâmica da psique. A autora enfatiza que a revisão e a reformulação que Jung empreendeu nessa época refletem a maturidade de suas ideias e, em função dos estudos sobre alquimia e religião ocidental e oriental, foram intensificados os estudos sobre arquétipos.

Para Penna, (2013, p. 156), a obra de Jung “[...] na maturidade é uma demonstração do emprego da amplificação ao material simbólico-arquetípico” e inicia-se, então, o trabalho com o sinólogo Richard Wilhelm, do qual resulta o livro *O segredo da flor de ouro: um livro de vida chinês*, de 1929. Penna (2013) informa que o termo “amplificação” foi cunhado por volta de 1930 e houve um aumento da relação entre psicologia e cultura, envolvendo as artes, eventos históricos e outros campos da ciência. A alquimia chinesa contribuiu para aprimorar o conceito de si-mesmo (*Self*) e Penna (2013) salienta que a alquimia medieval europeia ajudou no aprofundamento dos estudos sobre a psicologia do inconsciente e do processo de individuação.

Penna (2013) lista as principais obras de Jung que fazem parte da etapa da “Revisão”:

- Comentário sobre *O segredo da flor de ouro* (vol. 13, 1929)
- *Prática da psicoterapia* (vol. 16, 1930/1934)
- *Considerações gerais sobre a teoria dos complexos* (vol. 8/2, 1934)
- *Arquétipos do inconsciente coletivo* (vol. 9/1, 1934)
- *Estudo empírico do processo de individuação* (vol. 9/1, 1934)
- *Psicologia e religião ocidental e oriental* (vol. 11, 1938)
- *Psicologia e alquimia* (vol. 12, 1944)

- *A psicologia da transferência* (vol. 16, 1946)
- *Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico* (vol. 8/2, 1947)

Na etapa da “Síntese final”, que cobriu a última década de sua vida – de 1950 até sua morte em 1961 – Penna (2013) discorre sobre a última revisão que Jung fez de alguns conceitos até concluir seu método com a sincronicidade, e enumera as seguintes realizações nessa etapa:

- A obra *Símbolos da transformação* (vol. 5, 1950), marco da origem da psicologia analítica, foi revisada e concluída por Jung em 1950, no final de sua obra.

- A *natureza da psique* e vários capítulos de *Arquétipos e o inconsciente coletivo* foram revisados de 1950 a 1955 por Jung, sendo que ele levou 35 anos para concluir a teoria dos arquétipos, cujo termo, “arquétipo”, foi usado, pela primeira vez, em 1919.

- Em *Aion – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo* (vol. 9/2, 1950) e *Resposta a Jó* (vol. 11, 1952), Jung aprofunda o conceito de si-mesmo e totalidade, discute a dinâmica consciente-inconsciente e a relação entre ego e si-mesmo.

- No ensaio *Sincronicidade* (vol. 8/3, 1952), Jung formula o conceito da sincronicidade e Penna (2013) considera que essa é sua “[...] maior e mais definitiva contribuição nesse período” (p. 165), do ponto de vista metodológico, e que vem acrescentar uma terceira via de abordagem dos fenômenos psíquicos, além da causalidade e da finalidade.

- *Mysterium coniunctionis* é qualificada como a síntese conclusiva de todo o percurso de Jung e está centrada no tema da integração dos opostos como finalidade última do processo de individuação.

Esse é o pano de fundo que servirá de referência para situar os comentários articulados às questões que são tratadas nas cartas pesquisadas sobre os sonhos telepáticos e precognitivos.

5.2.1 Cartas da etapa da “Revisão, ampliação, e consolidação do paradigma” (1930-1949)

As seis primeiras cartas selecionadas incluem-se na etapa da “Revisão” (1930-1945) e os comentários da análise serão baseados nos textos das cartas, destacando-se os trechos dos quais emerge a seguinte questão principal relacionada aos sonhos telepáticos e precognitivos: a antecipação de fatos pelo inconsciente, seja ela identificada como premonições ou como sonhos precógnitos. Essa ideia conduziu à questão da relatividade do tempo e do espaço, que é objeto de atenção nas cartas pesquisadas sobre telepatia e precognição. Ao desenvolver a análise, será verificado o modo como essas questões se encadeiam e se relacionam entre si.

É do início da etapa da “Revisão” (1930-1949) a primeira carta que será comentada. Nela, a questão relativa à antecipação de fatos pelo inconsciente é mencionada ao Prof. Gustav Schmaltz, quando Jung escreve-lhe em 9 de abril de 1932:

O seu sonho é extremamente importante. Em conexão com outros sonhos semelhantes, parece-nos muito estranha a precisão com que o inconsciente antecipa fatos. E é preciso perguntar-nos qual o grau de consciência que devemos atribuir a tal antecipação. Às vezes, não podemos evitar a impressão de que esteja atuando um agente superior. (JUNG, 2018a, p. 108).

Vale notar que o Prof. Schmaltz fez parte do grupo de pessoas escolhidas por Jung para participar dos seminários ocorridos nos anos 1928 a 1930 e que foram compilados no livro *Seminários sobre análise de sonhos*¹³. Segundo a lista de membros desses seminários, há um asterisco ao lado do nome dele, indicando que ele era ou se tornou um psicólogo analista. Posteriormente, Jung escreveu, em 1955, o prefácio de um livro do Prof. Schmaltz, chamado *Psicologia complexa e sintomas físicos*, o qual se encontra em *A Vida Simbólica* (2019). Essa carta tem um conteúdo pouco informativo, pois, pelo texto, não se sabe qual é o sonho do Prof. Schmaltz e nem os fatos que foram antecipados. Além disso, há um comentário na nota de rodapé 2 mencionando que a carta do Dr. Schmaltz não foi conservada. Entretanto, Jung (2020a, p. 108) sugere que é “[...] muito estranha a precisão com que o inconsciente antecipa fatos [...]” por meio dos sonhos.

Alguns comentários interessantes sobre a dimensão temporal dos sonhos localizam-se durante a etapa da Revisão (1930-1949), quando Jung realizou uma

¹³ JUNG, 2014.

série de seminários proferidos entre 1936 e 1941, e que dariam origem à publicação *Seminários sobre sonhos de crianças*¹⁴. Na sessão inicial desses seminários, em 25 de outubro de 1938, Jung (2011, p. 22) propõe uma possibilidade “[...] um tanto extravagante [...]” para explicar a dimensão temporal dos sonhos, dizendo que

[...] no caso do inconsciente há algo diferente no que tange à *noção de tempo*; no inconsciente o tempo sai um pouco do eixo, quer dizer, o inconsciente permanece sempre à parte do decurso do tempo percebendo que nem existem ainda. No inconsciente tudo existe desde o início. (JUNG, 2011, p. 22).

Poucos anos antes desses seminários, em 1935, Jung refere-se na I Conferência de Tavistock sobre o importante papel de auxílio da função intuição em atividades como as de inventores, juízes e médicos. Ele considera a intuição uma função natural e que se caracteriza pela antecipação de algum evento como se fosse um “palpite”, “impressão” ou até “adivinhação”.

O que quero dizer é que a intuição é um tipo de percepção que não passa exatamente pelos sentidos; registra-se *ao nível do inconsciente* [...] Não sei o que se passa quando um homem se inteira de fatos que ele, em absoluto, não tem meios de conhecer. Não consigo dizer como essas coisas acontecem, entretanto a realidade está aí, e os fenômenos comprovados. Sonhos premonitórios, comunicações telepáticas etc. são intuições. Continuamente venho presenciando esses fatos, e estou convencido de sua existência. (JUNG, 2017, p. 17).

A esse respeito, Stein (2021) registra:

Quando afirma que o inconsciente não se prende às noções de espaço e tempo do ego, Jung quer dizer que os sonhos e as imagens espontâneas que nos vêm por meio da função da intuição podem falar igualmente do passado, do presente ou do futuro, como se houvesse no inconsciente um centro do consciente, isto é, o *self*, que está igualmente presente em todas as três dimensões do tempo. (STEIN, 2021, p. 51).

Voltando ao trecho da carta ao Dr. Schmaltz, Jung (2018a, p. 108) supõe que “[...] às vezes, não podemos evitar a impressão de que esteja atuando um agente superior [...]” e, esse “agente superior” parece ser equivalente ao *self*, de acordo com a afirmação de Stein mencionada acima.

¹⁴ JUNG, 2011.

Duas outras cartas que trazem exemplos de sonhos que anteciparam eventos foram escritas durante o período em que Jung estava trabalhando em suas conferências para os Congressos de Eranos, que vigoraram de 1933 a 1951, sendo que Jung participou de catorze encontros. Praticamente todos os encontros de Eranos nos quais Jung esteve presente situam-se na fase da Revisão (1930-1949). Em 1950, chegando à etapa da Síntese Final (1950-1961), Jung não proferiu palestra em Eranos e, em 1951, fez sua última conferência, cujo título era “Da sincronicidade”, relacionado ao tema final de sua vida.

A primeira dessas cartas próximas aos eventos de Eranos foi escrita em 20 de julho de 1942 e enviada à Sra. Alice Lewisohn Crowley. A Sra. Crowley também foi membro dos seminários de análise de sonhos e, conforme a lista de participantes indica, era ou se tornou uma psicóloga analista. Jung escreveu-lhe enquanto preparava a sua conferência “O espírito de Mercúrio” para o encontro de Eranos daquele ano. A Sra. Crowley tinha contado a Jung que sonhara duas vezes e Jung (2020a, p. 324) respondeu-lhe: “[...] seu sonho de 26 de junho – o árabe – antecipou vários de meus sonhos [...] [e] [...] seu sonho de 06 de julho também se situa neste contexto.”

Jung (2020a) faz uma associação do árabe do sonho da Sra. Crowley com Mercúrio porque ele tinha tido um sonho em que Mercúrio era um príncipe árabe. Não se conhece os sonhos da Sra. Crowley, porém Jung relata na carta que chegou a adoecer enquanto estava imerso no estudo de Mercúrio pois ele “[...] tomou conta de mim, provocou a transformação de Mercúrio em meu próprio organismo humano e deu-me assim duas semanas bem penosas. Seus sonhos captaram algo disso.” (JUNG, 2020a, p. 324).

Outro famoso parceiro para o qual Jung escrevia foi o Padre Victor White, com quem Jung manteve uma intensa correspondência iniciada em 26 de setembro de 1945, durante a etapa da Revisão (1930-1949). O Padre White também esteve envolvido em episódios premonitórios de Jung, como consta na carta de 06 de novembro de 1946, em que Jung responde ao Padre White a respeito de um sonho que este último tinha tido após sua primeira visita a Jung. Nela, Jung (2018b, p. 54) escreve: “o seu sonho atingiu realmente o ponto! Eu tive todo tipo de sentimentos ou premonições quanto ao senhor e aos perigos que estava correndo.”

Na primeira nota dos editores dessa carta está descrito o sonho do Padre White, no qual ele e Jung (2018b, p. 55) “[...] velejavam da Noruega para a Inglaterra. Jung estava no leme. Com grande velocidade passavam por recifes perigosos, mas não houve nenhuma sensação de medo.” Na carta, não há esclarecimentos sobre quais seriam os “perigos” mencionados por Jung aos quais o Padre White estaria exposto. No entanto, segundo Miranda (2021), a carreira do Padre White foi sendo destruída ao longo do tempo, o que leva a supor que os perigos que ele corria estariam ligados às dificuldades que enfrentaria em sua vida profissional, bem como aos graves problemas de saúde sofridos pelo padre, conforme se verificou posteriormente. Depois de comentar o sonho em resposta ao Padre White, Jung (2018b) complementa que foi terminar a conferência que iria apresentar em Eranos e cujo tema era “O espírito da psicologia”.

Os eventos citados nas cartas dirigidas à Sra. Crowley e ao Padre White parecem semelhantes ao caso do médico, conhecido de Jung, que está narrado em *Seminários sobre sonhos de crianças*¹⁵, que se encaixa no terceiro fator de causas dos sonhos citado por Jung nos mesmos seminários e no capítulo 3: os sonhos são causados por acontecimentos psíquicos no meio-ambiente que são percebidos pelo inconsciente, mas não se sabe como isso ocorre. No caso do médico, Jung (2011) conta, durante o seminário de inverno 1940/1941, que seu colega morava na Alemanha, hospedava seus pacientes em sua casa e, diariamente, anotava os sonhos deles, assim como os de seus familiares e empregados.

Segundo Jung (2011), o procedimento adotado pelo médico havia propiciado a observação de que fragmentos oníricos provenientes dos sonhos dos pacientes manifestavam-se nos sonhos dos demais moradores da casa o que, para Jung, não seria apenas provável, mas era um postulado de como as coisas aconteciam. Esse exemplo é interessante ao lembrar que, com base em Goethe e Salomon Trismosin, Jung (2011, p. 579) afirma que “[...] tudo que se encontra do lado de fora, encontra-se do lado de dentro.” Dessa maneira, os sonhos dos pacientes manifestavam-se fora deles, ou seja, nas outras pessoas da casa, da mesma forma como os sonhos do Padre White causaram sentimentos em Jung e os sonhos da Sra. Crowley captaram os sentimentos de Jung enquanto este produzia o texto sobre Mercúrio.

¹⁵ JUNG, 2011.

Jung (2011, p. 579) ainda reforça esse ponto de vista dizendo que “[...] os sonhos muitas vezes não se encontram dentro de nós, e sim, em volta de nós.”

A antecipação de fatos pelo inconsciente foi vivenciada por Jung em diversas ocasiões de sua vida, conforme atestam alguns exemplos expostos no capítulo 1 deste estudo e relatados em *Memórias, sonhos e reflexões*¹⁶. Na carta dirigida ao Dr. Helton Godwin Baynes, em 12 de agosto de 1940, Jung refere-se a uma dessas experiências significativas e começa dizendo sobre o ano de 1940:

Este é o ano fatídico pelo qual venho esperando há mais de 25 anos. Mas não imaginava que houvesse semelhante catástrofe. Eu sabia, desde 1918, que se espalharia pela Europa um fogo terrível vindo do Nordeste, mas não tenho visão alguma sobre o destino da Europa a partir de 1940. (JUNG, 2018a, p. 294).

O Dr. Baynes também foi participante dos seminários de análise de sonhos (1928-1930), sendo citado como um dos que já era ou se tornou um psicólogo analista. No trecho destacado acima, Jung (2018a) está se referindo à Segunda Guerra Mundial, pois teve um sonho, em 1918, que a anunciava. Esse sonho era semelhante àquela visão da “onda colossal” que ele viu cobrindo a Europa antes de eclodir a Primeira Guerra Mundial, em 1913. Eis o sonho que está narrado na nota 1 da carta em questão:

Eu vinha de volta à Suíça de uma viagem à Alemanha. Estava cheio de queimaduras e minha roupa estava com vários buracos causados pelo fogo, pois havia testemunhado que caíra fogo do céu como chuva, destruindo as cidades da Alemanha. (JUNG, 2018a, p. 295).

Ao ler essa carta, pode-se indagar como será aguardar durante vinte e cinco anos até que se concretize um fato dramático como o “fogo terrível” com o qual Jung sonhou. Além da espera, também se pode imaginar a angústia sentida diante de algo que é grave e preocupante, mas não se sabe exatamente o que é e nem como vai acontecer.

Jung é bastante claro sobre o seu entendimento a respeito dos sonhos que antecipam fatos do futuro, como podemos constatar ao ler sua resposta a uma carta de 07 de maio de 1947, dirigida à Sra. Erna Asbeck, na qual afirma que “[...] sonhos

¹⁶ JUNG, 1978.

precógnitos só podem ser reconhecidos e verificados como tais quando o acontecimento precógnito realmente ocorreu. Caso contrário, permanece sempre a incerteza. Além do mais, esses sonhos são relativamente raros.” (JUNG, 2018b, p. 66).

No referido trecho da carta dirigida à Sra. Asbeck, destacam-se duas informações importantes sobre a antecipação de eventos futuros que caracterizam os sonhos precógnitos: a confirmação do acontecimento na realidade e a raridade de sua ocorrência. Já que são sonhos raros e necessitam de uma ratificação da realidade, Jung (2018b, p. 66) faz um alerta quanto à credibilidade desse tipo de sonhos: “[...] por isso não adianta olhar para o significado futuro dos sonhos. Via de regra a gente se engana.”

Mattoon (2013, p. 249) usa a nomenclatura “sonhos proféticos” como sinônima de “sonhos precógnitos” e define que “[...] eles vaticinam, com detalhes precisos, eventos futuros (além do dia seguinte) que são importantes para outras pessoas além do sonhador.” Assim, no caso do sonho de Jung anunciando a Segunda Guerra Mundial, o sonho ocorreu vinte e cinco anos antes da deflagração da guerra e trata-se de um evento de impacto coletivo que se verificou na realidade, donde é possível supor que estão preenchidos os requisitos para que esse sonho possa ser classificado como sonho precógnito, embora Jung não tenha identificado dessa forma.

As ideias de Jung a respeito de sonhos precógnitos já vinham de longa data e corroboravam com os estudos do matemático inglês John William Dunne, que havia publicado o livro *An Experiment with Time*, em 1927, no qual contava os seus próprios sonhos “proféticos”.

Em uma carta de 10 de novembro de 1934, ao dirigir-se ao Prof. Pascual Jordan, Jung (2018a, p. 191) comenta que “[...] o material que Dunne apresenta é, na minha opinião, perfeitamente confiável. Observei muitos casos desse tipo, pois, por razões práticas, ocupo-me há 35 anos com a psicologia dos sonhos.”

Tendo como base o ano em que essa carta foi escrita ao Prof. Jordan (1934), pode-se inferir que o interesse de Jung a respeito dos sonhos datava de 1899, ou seja, antes de se formar médico, em 1900, e da leitura de *A Interpretação dos sonhos*, de Freud, que foi lançada em 1900.

Vale realçar que foi durante a etapa da “Revisão” (1930-1949), em 1932, que Jung iniciou a troca de correspondência com o físico Wolfgang Pauli. Em 29 de outubro de 1934, Jung enviou uma carta a Pauli, desejando saber a opinião dele a respeito das ideias de Dunne:

Ocorre-me agora que sobre a relatividade do tempo existe um livro de um aluno de Eddington, de nome Dunne, com o título *An Experiment with Time*, onde ele aborda a televisão temporal de modo semelhante como Jordan aborda a televisão espacial. Ele postula um número infinito de dimensões temporais, correspondendo quase aos “graus intermediários” de Jordan. Estaria muito interessado em saber como o senhor vê esses argumentos de Dunne. (JUNG, 2018a, p. 189).

Quanto à colaboração do Prof. Jordan para o desenvolvimento das ideias de Jung sobre a sincronicidade, a nota 2 dos editores na carta de Jung (2018a) a Pauli informa que o Prof. Jordan trabalhava em Rostock, na Alemanha, e estudava os fenômenos telepáticos explicando-os pela noção do espaço relativo. Nessa mesma carta dirigida a Pauli, Jung agradece por ser informado sobre a existência de um ensaio do Prof. Jordan e recomenda a sua publicação, pois “[...] faz um verdadeiro transbordo do modo de ver físico para o campo psicológico[...]” (JUNG, 2018a, p. 188). A nota 2 esclarece que Jordan havia escrito o ensaio chamado *Positivistische Bemerkungen über die paraphysischen Erscheinungen*, posteriormente publicado em 1936, e que esse ensaio foi citado várias vezes por Jung enquanto este elaborava o conceito de sincronicidade.

Posteriormente, em uma carta escrita em 06 de janeiro de 1943, Jung (2018a, p. 332) reforça que “[...] a telepatia é um fenômeno condicionado pelo tempo e espaço. Mas ela mostra a relatividade do tempo e do espaço, algo que eu não inventei. O senhor pode consultar sobre isso o seu conterrâneo Prof. Jordan, em Rostok.” De acordo com esse trecho, Jung explicita ao destinatário não identificado a ligação entre a telepatia e a relatividade do tempo e do espaço, confirmando a sua aproximação com o tema através de seu contato com o Prof. Jordan. Essa carta foi enviada nove anos depois da primeira carta que Jung escreveu ao Prof. Jordan, sendo que a correspondência entre os dois continuou até 1948.

Na carta dirigida ao Dr. Laurence J. Bendit, em 12 de novembro de 1945, Jung (2018a, p. 393) comenta que “Dunne não foi o primeiro a reconhecer a

qualidade profética dos sonhos. Qualquer curandeiro já fez isso há 10.000 anos.” demonstrando que a humanidade já vem tendo contato com esse fenômeno há muito tempo; a própria Bíblia é uma vasta fonte de sonhos desse tipo.

Em seu ensaio sobre sincronicidade, publicado em 1952, Jung registra um sonho precognitivo de Dunne, conforme se lê abaixo:

Dunne menciona um sonho particularmente instrutivo, que ele teve na primavera de 1902, quando participava da Guerra de Boers. Parecia-lhe que estava numa montanha vulcânica. Era uma ilha com que ele sonhara antes e ele sabia estar ameaçada por uma erupção vulcânica catastrófica iminente (com a de Cracatoa). Apavorado, ele queria salvar os quatro mil habitantes da ilha. Procurou fazer com que as autoridades francesas da ilha vizinha mobilizassem imediatamente todas as embarcações disponíveis para a operação de salvamento. Aqui o sonho começa a os motivos do pesadelo típico: a pressa, a caçada e o não conseguir alcançar o lugar desejado, ao mesmo tempo em que, na mente do sonhador, ecoam repetidamente as palavras: “Quatro mil pessoas serão mortas, se não...” Alguns dias depois, Dunne recebe sua correspondência com um exemplar do Daily Telegraph, e seu olhar recaiu sobre a notícia seguinte:

Volcano Disaster in Martinique
Town Swept Away
As Avalanche of flame
40.000 Lives.

O sonho não se deu no momento da verdadeira catástrofe, mas quando o jornal já vinha a caminho com a notícia. Ao ler, ele trocou erradamente o número 40.000 por 4.000. O engano se fixara como paramnésia no sonhador, de sorte que, todas as vezes que ele contava o sonho, invariavelmente dizia 4.000 em lugar de 40.000. Somente quinze anos depois, quando copiava o artigo, descobriu o erro. Seu conhecimento inconsciente cometia, por assim dizer, o mesmo erro que ele cometera ao ler a notícia.

O fato de ele ter sonhado com o caso pouco antes de a notícia chegar, representa uma experiência que ocorre com bastante frequência, pois os sonhos mencionam, por exemplo, pessoas de quem o próximo correio traz uma carta. (JUNG, 2020f, p. 37).

Na última carta dirigida ao Prof. Jordan, de 01 de abril de 1948, Jung (2018b, p. 102) relata que suas discussões com Pauli indicavam que “[...] a questão de maior evidência é uma crítica psicológica ao conceito de tempo e espaço. Nesse ponto fiz recentemente uma descoberta impressionante [...].” A nota dos editores número 5 explica que a descoberta impressionante a que Jung se refere é, provavelmente, o

quatérnio espaço e tempo, tratado por Jung em *Aion*, publicado em 1950, quando começa a etapa da “Síntese Final” (1950-1961).

Embora nas *Cartas* haja somente uma missiva trocada entre Jung e Pauli, na sequência dessas cartas selecionadas até aqui nota-se, ao longo da etapa da “Revisão” (1930-1949), uma crescente aproximação entre a física e a psicologia por meio do relacionamento de Jung com W. Pauli e o Prof. Pascual Jordan, cujo desfecho será a publicação do ensaio de Jung, *Sincronicidade: um princípio de conexões acausais*¹⁷, em 1952, na etapa da “Síntese Final” (1950-1961). É possível confirmar essa observação junto com Stein (2006, p. 14), pois este salienta que foi nos derradeiros trinta anos de vida profissional que Jung “[...] ampliou ainda mais suas teorias para incluir estudos de história, cultura e religião, e para criar uma ligação essencial com a física moderna.” Além de Stein, Penna (2013) também evidencia o alargamento das áreas de interesses de Jung dentro da cultura e outros ramos da ciência, como característica da etapa da “Revisão” (1930-1949).

Isso é evidenciado em uma carta de 25 de fevereiro de 1953, na qual Jung faz uma livre revelação ao escritor e jornalista Carl Seelig sobre seu interesse a propósito da ideia da relatividade do tempo e do espaço e a consequente produção do conceito de sincronicidade ao falar de seu relacionamento com Einstein.

Foi Einstein que me deu o primeiro impulso para pensar numa possível relatividade do tempo e espaço e de seu condicionamento psicológico. Mais de 30 anos depois, desenvolveu-se, a partir desse impulso, minha relação com o físico e Professor W. Pauli e minha tese da sincronicidade psíquica. (JUNG, 2018b, p. 280).

Assim, esse fato parece sugerir que a sincronicidade, antes de ser formulada conceitualmente por Jung, teria atuado como fenômeno natural na origem da história de sua criação conceitual e de seu desenvolvimento teórico. Se considerarmos o encontro de Jung com Einstein e Pauli como uma “coincidência significativa”, poderíamos perguntar, parafraseando Jung (2017), em sua II Conferência de Tavistock, em 1935, ao falar sobre a sincronicidade: “O que significa o fato de essas pessoas (Jung, Einstein e Pauli) estarem juntas?”.

¹⁷ JUNG, 2020f.

Além de sua aproximação com a Física, na carta ao Prof. Jordan em 01 de abril de 1948, Jung (2020b, p. 102) ressalta seu interesse nos estudos da parapsicologia: “Ainda que os problemas parapsicológicos estejam na periferia de meu campo de pesquisas, acompanho com grande atenção os seus desenvolvimentos, uma vez que no campo psicológico encontramos com relativa frequência esses fenômenos.”

Nesse sentido, Jung foi bastante influenciado pelos estudos do eminente pesquisador dos fenômenos parapsicológicos, o Prof. J. B. Rhine, da Universidade de Duke, nos Estados Unidos, com quem manteve correspondência durante vinte anos – nove dessas missivas estão reunidas em *Cartas*. Foi em 1934, durante a etapa da “Revisão” (1930-1949), que as cartas entre Jung e Dr. Rhine começaram a ser trocadas, pouco depois do início de sua correspondência com Pauli, em 1932. Em *Cartas*, há um lapso temporal de sete anos entre a carta de Jung para Dr. Rhine, escrita em 20 de maio de 1935, e carta seguinte em 05 de novembro de 1942.

Segundo a nota 3 dos editores na carta de Jung ao Dr. Rhine, em 27 de novembro de 1934, foi este que o procurou, escrevendo-lhe em 14 de novembro 1934 e indagando sobre o evento da faca que explodiu na casa de Jung em 1898.

A resposta de Jung ao Dr. Rhine está na carta de 27 de novembro de 1934, na qual ele agradece o envio do livro *Extra sensory perception*, do Dr. Rhine, e completa: “Interessam-me sobremaneira todas as questões que tratam do caráter específico da psique em relação ao espaço e ao tempo, isto é, a supressão evidente dessas categorias em certas atividades psíquico-anímicas.” (JUNG, 2018a, p. 193). Além disso, Jung narra ao Dr. Rhine suas experiências pessoais com a faca que explodiu e a mesa de carvalho que se partiu em sua casa, supondo que a ocorrência de tais eventos estaria ligada ao contato que ele travara com uma jovem médium pouco tempo antes. Na nota de rodapé 5, esclarece-se que essa médium foi quem participou das experiências que se inserem em sua dissertação *Sobre a psicologia e a patologia dos fenômenos chamados ocultos*, de 1902.

Embora Jung demonstrasse interesse pelos estudos parapsicológicos, na carta de 20 de maio de 1935 agradecendo ao Dr. Rhine por poder colaborar com suas pesquisas, ele pondera que precisa ser cauteloso ao se expor. Assim, Jung (2018a) expressa que, diante das dificuldades de entendimento, por parte dos

cientistas, sobre os eventos como o da faca que explodiu, ele aprendeu a se calar com prudência porque já havia sido acusado de falsário ou maluco.

Apenas em 05 de novembro de 1942 é que se encontra outra carta destinada ao Dr. Rhine, na qual Jung (2018a, p. 327) registra que “[...] em nosso trabalho prático nós nos defrontamos com influências telepáticas especiais que lançam importante luz sobre a relatividade do espaço e do tempo em nossa psique inconsciente”. Como exemplo dessas experiências, tem-se a carta de Jung (2018a) ao Pastor Fritz Pfäfflin, escrita em 10 de janeiro de 1939, na qual o destinatário havia contado a Jung sobre a morte de seu irmão e a conversa interior e espontânea que os dois tiveram após o irmão ter morrido. Em sua resposta, Jung (2020a, p. 267) explica que essa conversa ocorreu porque “[...] é bem provável que só esteja encerrado no tempo e no espaço o que chamamos consciência, e que a outra parte da psique, isto é, o inconsciente, esteja num estado de relativa inespacialidade e intemporalidade.” Ele acrescenta, ainda, que os fenômenos da presença e influência dos mortos nos sonhos se devem a uma existência relativamente intemporal e inespacial, mesmo que não se faça ideia do que ela seja.

Dr. Rhine tinha enviado uma carta a Jung, em 28 de agosto de 1945, manifestando o desejo de saber, através do próprio Jung, como tinham sido suas experiências parapsicológicas e o que pensava delas. Em face desse pedido, Jung (2020a) responde ao Dr. Rhine, em 18 de setembro de 1945, explicando que, por uma questão de consciência científica, tinha receio, pois era médico, e suas observações tinham um cunho clínico e, portanto, eram subjetivas. Entretanto, Jung (2018b) pede ao Dr. Rhine que lhe formule algumas perguntas a fim de compreender a posição da psicologia frente aos eventos parapsicológicos. A quinta pergunta de Rhine é particularmente importante, pois se refere à precognição e foi enunciada da seguinte maneira, conforme nota 1 dessa mesma carta:

O senhor pode interpretar os resultados experimentais da parapsicologia no campo da percepção extrassensorial e seu aparente alcance além dos limites do espaço e tempo, como nós os consideramos, em termos de suas concepções da personalidade humana? Ficaria especialmente grato se pudesse relatar como a precognição pode ser explicada na terminologia do senhor. Interfere isto na livre-vontade? (JUNG, 2018a, p. 399).

A resposta de Jung (2018a) a essa pergunta do Dr. Rhine está em uma carta de novembro 1945 (não é mencionado o dia):

5) Só posso explicar a percepção extrassensorial pela hipótese de trabalho da relatividade de tempo e espaço [...] no mundo microfísico a relatividade de espaço e tempo é um fato estabelecido. A psique, enquanto produz fenômenos de caráter não espacial ou não temporal, parece pertencer ao mundo microfísico. Isto explicaria também a natureza obviamente não espacial de realidades psíquicas como os pensamentos etc. e também o fato da precognição [...] (A filosofia chinesa diz que enquanto as coisas estão no Nordeste, isto é, antes que tenham surgido no horizonte, podem ser alteradas. Quando entrarem no Leste, elas tomam o curso inalterado.). O fato de o futuro poder ocasionalmente ser previsto não exclui a liberdade em geral, mas apenas neste caso particular. A liberdade só ficaria duvidosa se tudo pudesse ser previsto. (JUNG, 2018a, p. 398).

Vale destacar nessa citação a menção de Jung à filosofia chinesa e pode-se notar sua relação com a marcha evolutiva do conceito de sincronicidade. Durante o seminário de análise de sonhos, em 1928, Jung já havia utilizado o termo “sincronismo”, como se lê abaixo:

Os eventos não acontecem *por causa* dos sonhos, o que seria absurdo, não podemos jamais demonstrar isso; eles simplesmente acontecem [...] O “sincronismo” é o preconceito do Oriente; a causalidade é o moderno preconceito do Ocidente. Quanto mais nos ocupamos com os sonhos, mais depararemos com essas coincidências – acasos. (JUNG, 2014, p. 63).

A aproximação entre Jung e o oriente deu-se na etapa da “Revisão” (1930-1949), em função do trabalho conjunto entre Jung e o sinólogo Richard Wilhelm. Em 1930, o termo “sincronicidade” foi utilizado pela primeira vez quando Jung escreveu “Em memória de Richard Wilhelm”, uma homenagem póstuma ao amigo junto de quem produziu o livro *O segredo da flor de ouro* (1929):

A ciência do I Ching não se baseia no princípio da causalidade, mas em outro princípio, até o momento sem nome por não existir entre nós – ao qual chamei experimentalmente de *princípio da sincronicidade* [...] Longe de ser uma abstração, o tempo se apresenta como continuidade concreta, contendo qualidades e condições básicas que podem se manifestar em locais diferentes com relativa simultaneidade, num paralelismo que não se explica de forma causal: por exemplo, na ocorrência simultânea de pensamentos, símbolos, ou estados psíquicos similares. (JUNG, 2013, p. 58).

No entanto, foi apenas em 1952 que Jung apresentou sua elaboração mais completa do conceito no ensaio *Sincronicidade: Um princípio de conexões acausais*¹⁸.

Por meio desse breve memorial, podemos notar o intenso interesse de Jung pela discussão sobre a relatividade do tempo-espço e pelo estabelecimento da relação entre percepções extrassensoriais (parapsicológicas) e sincronicidade, baseando-se no material das pesquisas do Dr. Rhine. Dentro desse escopo, a precognição, que é a base dos sonhos precognitivos, parece ocupar um lugar de destaque e constituir um caso particular, pois trata de acontecimentos que ainda não ocorreram, eliminando os fatores tempo e espaço.

5.2.2 Cartas da etapa da Síntese Final (1950-1961)

Na etapa da “Síntese Final” (1950-1961), foram agrupadas sete cartas selecionadas. No entanto, pode-se dizer que cinco delas são cartas particularmente delicadas e especiais porque giram em torno dos temas da doença e da morte. Três das cartas dizem respeito a sonhos premonitórios ligados às mortes de pessoas muito importantes na vida de Jung: Emma Jung, Toni Wolff e Padre White. Outras duas falam, respectivamente, da doença do próprio Jung e sobre um sonho que antecipa a possibilidade de uma vida após a morte. A sexta carta do conjunto trata da possibilidade de uma previsão real aparecer em um sonho e do sentimento de “*déjà-vu*”, e a última fala sobre a relação entre o *I Ching* e os sonhos.

Foi para mais um membro participante dos seminários de análise de sonhos (1928-1930) que Jung enviou uma carta mencionando o falecimento de Toni Wolff, ocorrido em 21 de março de 1953. Em 28 de maio de 1953, agradecendo a manifestação do Dr. James Kirsch por causa da morte de Toni Wolff, Jung (2018b, p. 288) conta-lhe que “[...] no dia da morte dela, antes mesmo de haver recebido a notícia, tive uma séria recaída de taquicardia. Esta retrocedeu, mas deixou uma arritmia que prejudica muito minha capacidade física.” Dessa forma, não houve nenhum sonho, mas a taquicardia poderia ser um tipo de “aviso”, simbolicamente manifesto no próprio corpo de Jung.

¹⁸ JUNG, 2020f.

Nessa carta, Jung (2018b) menciona que tivera sonhos com o Hades em fevereiro daquele ano, mas não havia cogitado de estarem relacionados a Toni Wolff. Além disso, tem-se a impressão de que Jung se queixa do fato de que “[...] nenhum dos que se relacionavam direta e intimamente com ela haviam tido sonhos premonitórios; e na Inglaterra, Alemanha e Zurique, só pessoas que a conheciam superficialmente.” (JUNG, 2018b, p. 288).

Paralelamente ao evento da morte de Toni Wolff, a saúde de Jung não andava muito bem desde o final de 1952, conforme ele mesmo diz na carta enviada em 18 de novembro de 1952, ao Dr. James Kirsch: “[...] tive outro ataque de arritmia e taquicardia devido ao excesso de trabalho.” (JUNG, 2018b, p. 266). Em 12 de fevereiro de 1953, dirigindo-se ao filho do Dr. Flournoy, declara: “[...] minha saúde não está bem; tenho 78 anos de idade” (JUNG, 2018b, p. 278). Em uma carta de 13 de março de 1953, ao médico e amigo Dr. Ignaz Tauber, Jung (2018b, p. 280) conta como parou de fumar: “[...] devido a um sonho abandonei completamente o fumo há 5 dias. [...] Por enquanto estou ainda de péssimo humor.” Para a Condessa Klinckowstroem, Jung (2018b, p. 293) acusa os abalos sofridos pela morte de Toni Wolff e pela idade: “A perda da Senhorita Wolff me atingiu de fato profundamente. [...] Minha saúde está numa base oscilante. Mas quando se tem 79 anos, nada mais causa admiração.”

Voltando à análise da carta ao Prof. Gustav Schmaltz, de 9 de abril de 1932, a respeito da antecipação de fatos pelo inconsciente Jung (2018a, p. 108) menciona que “[...] às vezes, não podemos evitar a impressão de que esteja atuando um agente superior.” Com isso, é possível pensar na possibilidade de que o inconsciente, atuando como um agente superior, possa funcionar pautado em um critério “ético” de seleção para os conteúdos que podem ou não ser antecipados. Todavia, não se está aventando a ideia de Freud de que haja um “censor” a fim de que os sonhos cumpram a função de manter o sono, mas sugere-se a hipótese de uma “ética” ligada à finalidade de determinado conteúdo ser antecipado. No caso, Jung estava com a saúde debilitada quando Toni Wolff morreu e, mesmo sem ter tido uma premonição, ele sentiu uma alteração orgânica, antes de saber da morte dela. Assim, supõe-se que o inconsciente estaria atuando como “um agente superior” que avalia se determinado conteúdo é adequado, ou não, para ser antecipado considerando quem vai receber a notícia e a condição em que se

encontra. Afinal, para que serviria que Jung “soubesse” antecipadamente da morte de Toni Wolff, levando em conta o seu estado de saúde abalado? Isso talvez possa sugerir a hipótese de que a ausência de sonhos premonitórios – nem Jung nem outra pessoa haviam sonhado com a morte de Toni Wolff – teria sido uma espécie de “ação compassiva” do inconsciente no sentido de poupar Jung de sofrer antecipadamente. Frente ao impacto que a morte de Toni Wolff causou em sua vida, Jung (2018b, p. 288) declara: “Toni Wolff morreu tão repentina e inesperadamente que é quase impossível acreditar no seu desaparecimento.”

Relacionada à morte de Emma Jung, a carta datada de 26 de junho de 1956 trata de uma resposta de Jung à Dra. N, que havia sonhado com a morte de sua esposa: “Interessou-me especialmente o sonho que, em meados de agosto de 1955, previu com antecipação a morte de minha esposa.” (JUNG, 2018c, p. 32). Vale lembrar que Jung soube do sonho premonitório da Dra. N. depois que Emma havia falecido.

Emma Jung padeceu de um câncer terminal e Jung descreve ao Padre White, em 06 de maio de 1955, a delicada situação de saúde dela: “[...] a grave doença de minha esposa ocupou todo o meu tempo disponível. Foi submetida a uma cirurgia, ao que parece, com êxito; mas isto a deixou muito debilitada, precisando de muitos cuidados durante as próximas semanas.” (JUNG, 2018b, p. 418). Mesmo assim, Emma Jung conseguiu estar viva no aniversário de oitenta anos de Jung, comemorado em 26 de julho de 1955, vindo a falecer em 27 de novembro de 1955, aos setenta e três anos.

Quando estava recentemente viúvo, em 15 de dezembro de 1955, Jung (2018b) redigiu uma carta de pêsames ao Dr. Erich Neumann, devido à morte da mãe deste, e contou-lhe que tinha tido uma “grande iluminação” dois dias antes da morte de Emma. Jung (2018b) supõe que tal experiência foi esclarecedora e libertadora, como um segredo que se revelou, propiciando a Emma falecer sem sofrer. Apesar disso, Jung expressa o profundo pesar que enchia o seu coração por causa da morte de sua esposa:

O fim tão rápido e sem sofrimento – somente cinco dias entre o diagnóstico definitivo e a morte – e esta experiência foi para mim grande consolo. Mas a quietude e o silêncio que se pode ouvir ao meu redor, o vazio do ar e uma distância infinda são difíceis de suportar. (JUNG, 2018b, p. 450).

Em 28 de fevereiro de 1956, três meses após a morte de Emma, Jung (2020c, p. 17) escreve a Laurens van der Post: “[...] estou feliz ao menos por ter sido capaz (ainda que não por mérito meu) de poupar à minha esposa aquilo que segue à perda de uma parceira de toda a vida – o silêncio que não tem resposta.” Nessa carta, a nota 3 dos editores é muito interessante e menciona que o Sr. van der Post havia recebido, do nada, uma longa carta de Jung três meses depois da carta de fevereiro, na qual havia uma resposta para a frase “o silêncio que não tem resposta”. Na missiva, Jung contara-lhe o “mais maravilhoso sonho” que teve: ele entrava em um teatro muito escuro e vazio e, de repente, viu Emma Jung sentada no centro do palco e iluminada por uma luz maravilhosa, parecendo mais bonita do que nunca.

Novamente, sugere-se a hipótese de que o inconsciente possui uma “ética” ao antecipar fatos e, neste caso, parece que tanto a experiência da “grande iluminação” poucos dias antes da morte de Emma, quanto o belo sonho em resposta ao silêncio alguns meses após a sua morte, seriam como “ações compassivas” do inconsciente perante a dor de Jung que, ao mostrarem-lhe como Emma estava, teriam como finalidade acalmar o seu coração frente à morte dela.

De acordo com a carta enviada à Dra. N., a nota 2 dos editores informa que, no sonho que Dra. N. tivera, Emma encontrava-se no sul da França e tinha sido atingida por uma bola de fruta, que Jung (2018c, p. 32) entende como a imagem simbólica da morte: “[...] provavelmente expressa a ideia de uma perfeição da vida: a soma de todos os frutos, que se arredondaram numa bola, atingiram-na qual um carma. Na bola, a morte assumiu uma forma perfeita; é ao mesmo tempo um símbolo do si-mesmo.”

O sonho da Dra. N. sugere estar de acordo com a observação de Jung sobre a maneira como o sonho se manifesta simbolicamente no caso de morte:

Devemos ter notado a especial sutileza do sonho: ele não fala da morte do indivíduo. Todos sabemos que é frequente sonhar com a própria morte, mas nestes casos não se deve tomá-lo ao pé da letra. Quando é para valer, o sonho usa uma linguagem bem diversa. (JUNG, 2020b, p. 43).

Em *Memórias, sonhos e reflexões*¹⁹, Jung narra que, quase um ano depois de sua esposa ter morrido, ele acordou uma noite com a seguinte lembrança de um sonho:

Soube que fora até onde ela estava, no sul da França, na Provença, onde tínhamos passado um dia inteiro juntos. Ela fazia nessa região estudos sobre o Graal. Isso me parecia muito significativo, porque ela morrera antes de terminar o trabalho que empreendera sobre esse assunto. (JUNG, 1978, p. 268).

Com essa passagem, tem-se a impressão de que há uma sugestão de que Emma Jung continuava “viva”, pois Jung (1978, p. 269) conclui: “[...] após sua morte minha mulher trabalhava para continuar seu desenvolvimento espiritual – como quer que se conceba essa ideia.” No entanto, esclarece que a vida no “além” tem a conotação de “[...] um modo de existência que seja psíquico, pois a vida da psique não tem necessidade de espaço ou tempo.” (JUNG, 1978, p. 277) e isso significa que “[...] inconsciente e ‘país dos mortos’, seriam, nessa perspectiva, sinônimos.” (JUNG, 1978, p. 277).

Para Jung (1978), a questão da imortalidade é controversa, pois, de um lado, há muitas pessoas que se importam em saber o que pode acontecer após a morte; e por outro lado, existem indivíduos para quem isso nada significa. Diante desse cenário, Jung propõe a hipótese de que o inconsciente pode enviar, nos sonhos, informações sobre a continuidade da vida após a morte:

Em decorrência de sua relatividade espaço-tempo, o inconsciente tem melhores fontes de informação que a consciência, a qual apenas dispõe de percepções sensoriais. Por esse motivo, estamos reduzidos no que se relaciona com o mito de uma vida *post-mortem*, às escassas alusões do sonho e a outras manifestações espontâneas do inconsciente. (JUNG, 1978, p. 274).

Uma carta enviada ao Sr. H. J. Barret, em 12 de outubro de 1956, confirma o trecho exposto acima. Nela, Jung (2018c) responde-lhe que, devido a certos fenômenos *post-mortem*, os quais ele não considera que sejam ilusões subjetivas, ele sabe que a psique pode funcionar sem o empecilho das categorias espaço e tempo.

¹⁹ JUNG, 1978.

A hipótese da vida após a morte foi, especificamente, tratada por Jung no capítulo “Sobre a vida após a morte”, de *Memórias, sonhos e reflexões*²⁰ e, já no fim de sua vida, em carta de 30 de maio de 1960, direcionada a responder perguntas de uma destinatária não identificada sobre a vida após a morte, Jung coloca a questão da seguinte maneira:

Só é possível formular a pergunta assim: Existe alguma probabilidade de a vida continuar após a morte? É fato que – como todos os nossos conceitos – também o tempo e o espaço não são axiomas, mas basicamente verdades estatísticas. Evidencia-se assim também que a psique não está sujeita até certo ponto a estas categorias. Ela é capaz, por exemplo, de percepções telepáticas e precognitivas. E enquanto isso, ela está num *continuum*, fora do espaço e do tempo. Pode-se esperar então que ocorram fenômenos post-mortem que deve ser considerados autênticos. (JUNG, 2018c, p. 256).

A fim de complementar esse ponto de vista, Marie-Louise von Franz é comedida ao responder a Fraser Boa se, a partir do seu trabalho com sonhos, poderia acreditar na vida após a morte:

Eu não diria que acredito – é forte demais. Diria que, a partir dos sonhos, parece-me haver vida após a morte. Segundo penso, os sonhos não enganam; e como não são a realização de desejos, deve haver um aspecto da vida ou da psique que continua. (VON FRANZ, 1988, p. 220).

No entanto, Jung (1978) argumenta que não foram apenas os sonhos que ele teve, mas também os sonhos de outras pessoas que contribuíram para que fossem formuladas suas ideias a respeito de uma sobrevivência.

No sentido de exemplificar como os sonhos de terceiros também indicam a possibilidade da continuação da vida, Jung (2018b) comenta um sonho enviado pelo Dr. E. L. Grant Watson, em sua resposta na carta de 25 de janeiro de 1954:

[...] o senhor pode considerar o sonho como um processo natural de pensar no inconsciente ou como antecipação de uma vida mental após a morte (Isto é uma possibilidade, dado que a psique é, ao menos em parte, independente do espaço e do tempo. Cf. os experimentos de Rhine com a PES). (JUNG, 2018b, p. 316).

²⁰ JUNG, 1978.

De acordo com o exposto, foi em função das pesquisas do Dr. Rhine envolvendo as percepções extrassensoriais (PES) que Jung (2018b, p. 298) pôde confirmar que “[...] o aspecto mais importante da PES é que ela relativiza os fatores espacial e temporal.”, conforme registrado na carta de 25 de setembro de 1953, endereçada ao Dr. Rhine. Lastreado pelos achados do Dr. Rhine, que provam que o ser humano é dotado de percepções extrassensoriais (PES), Jung (1978), em sua “autobiografia” e, portanto, no fim de sua vida, considera que é praticamente incontestável que ao menos uma parte da psique se caracterize por uma relatividade de tempo e de espaço e, à medida que há um afastamento da consciência, essa relatividade extrapola a lei da causalidade espaço-temporal, até chegar ao ponto de alcançar o não-espacial e uma intemporalidade absoluta.

Entretanto, em uma carta dirigida ao jovem estudante de parapsicologia Stephen Abrams, em 21 de outubro de outubro de 1957, Jung (2018c) demonstra certa cautela ao comentar sobre a validade do espaço e do tempo e, como cientista, baseia suas conclusões dentro dos limites do que a experiência mostra. Stephen Abrams tinha 18 anos e havia procurado Jung porque desejava implementar no laboratório parapsicológico da Duke University, chefiado pelo Dr. Rhine, uma pesquisa experimental que visava comprovar a teoria junguiana da sincronicidade. Escreve Jung na carta mencionada:

Não temos certeza até onde a relatividade pode ir, por isso não sabemos se há um nível ou um mundo sobre o qual ou dentro do qual espaço e tempo são totalmente abolidos; mas ficamos dentro dos limites da experiência humana se aceitarmos o fato de que é a psique que é capaz de relativizar a aparente objetividade do tempo e do espaço. Esta conclusão é bastante segura, uma vez que não temos, ao que eu saiba, razões comprovadas para dizer que é a ação do tempo e espaço que capacitam a psique a um ato de precognição. (JUNG, 2018c, p. 115).

Apontando para a convergência de suas ideias com os resultados dos estudos do Dr. Rhine, em 9 de agosto de 1954, Jung escreve a este último afirmando que telepatia e precognição são formas de percepções extrassensoriais (PES) e que todas têm como “[...] substrato essencialmente o mesmo princípio, isto é, a identidade de uma disposição subjetiva e objetiva coincidindo no tempo (daí o termo “sincronicidade”).” (JUNG, 2018b, p. 351).

Porém, nessa carta, Jung (2018b) reforça a dificuldade com a precognição, pois, nesse caso, não há a coincidência no tempo, já que é uma antecipação de um evento futuro que ainda não existe aparentemente e que precisará ser confirmado na realidade. No caso da precognição, a hipótese proposta por Jung na carta é que se admita que o evento objetivo do futuro coincide com uma disposição subjetiva (psíquica), que não é causada por nenhum efeito precedente.

Concordante com a ideia exposta ao Dr. Rhine, em uma carta ao Sr. André Barbault, datada de 26 de maio de 1954 (um pouco antes da carta enviada ao Dr. Rhine), Jung assevera ao responder perguntas sobre a astrologia:

[...] a sincronicidade não admite a causalidade para explicar a analogia entre acontecimentos terrenos e constelações astrais [...] e não a admite de modo algum nos casos de percepções extrassensoriais (PES), sobretudo no caso da precognição; pois é inconcebível que se possa perceber o efeito de uma causa não existente, ou ainda não existente. (JUNG, 2018b, p. 345).

Mediante as colocações de Jung nas cartas mencionadas, levanta-se a suposição de que a precognição parece se encaixar na terceira categoria de sincronicidade que Jung já tinha proposto, em 1952, em seu ensaio *Sincronicidade: Um princípio de conexões acausais*: “[...] coincidência de um estado psíquico com um acontecimento futuro, portanto, distante no tempo e ainda não presente, e que só pode ser verificado também posteriormente.” (JUNG, 2020f, p. 118, § 974).

No início da etapa da “Síntese final” (1950-1961), a produção acadêmica de Jung foi intensa. No alto dos seus quase setenta e sete anos, ele escreve ao Dr. Erich Newmann ao terminar uma carta de 05 de janeiro de 1952 sobre suas atividades naquela ocasião: “*Jó e Sincronicidade* estão atualmente no prelo. Por ora, estou totalmente ocupado apesar de minha capacidade de trabalho bastante limitada, em escrever o último capítulo de *Mysterium Coniunctionis*.” (JUNG, 2018b, p. 209). Três anos depois, quando suas forças estavam declinando, assim como sua produção acadêmica, Jung escreve, em uma carta dirigida ao Padre White, em 19 de janeiro de 1955: “[...] não posso queixar-me de minha saúde, mas sinto o peso da idade. Minha última obra *Mysterium Coniunctionis*, está no prelo, e já não tenho mais ideias, graças a Deus.” (JUNG, 2018c, p. 382). De 1957 a 1959, Jung escreveu sua

contribuição para *Memórias, Sonhos e Reflexões* (1978) e sua última produção foi em 1961, para o livro *O homem e seus símbolos* (1964).

Além de apresentar alguns problemas orgânicos na época da “Síntese Final” (1950-1961), Jung também sonhara com a saúde do Padre White. Com efeito, a partir de 1946, os fatos indicam que os sentimentos e premonições que Jung teve quanto aos riscos que o Padre White corria em face do sonho relatado na carta de 1946 foram se confirmando, pois, ao longo dos anos, tanto a saúde como a vida profissional do Padre White padeceram com fortes golpes. Segundo Miranda (2021), em abril de 1959, o Padre White sofreu um acidente de motocicleta quase fatal no qual ele fraturou o crânio, quatro costelas, a escápula, perdeu a visão do olho esquerdo e a audição do ouvido esquerdo. Simultaneamente, sua carreira degradingolava, pois tal episódio do acidente coincidiu com a ação da Cúria Romana para suspender a venda de seu livro *God and the Unconscious*, publicado em 1952, cujo prefácio tinha sido escrito por Jung.

Embora eles estivessem distanciados em função de desentendimentos, ao saber do sensível estado de saúde do Padre White, Jung escreveu na carta dirigida à Priora da Ordem Contemplativa, em 06 de fevereiro de 1960:

Foi muita gentileza sua dar-me notícias de Victor White mesmo que sejam piores do que eu esperava. Suponho que na operação foi detectado um tumor maligno. Esperemos que pela graça de Deus e pela ajuda humana do médico seja aliviada sua passagem desta vida. Meus sonhos me preveniram dessa virada inesperada. As últimas notícias que tive dele eram bem mais alentadoras, de modo que eu não esperava uma piora de seu estado. (JUNG, 2018c, p. 242).

O Padre White tinha um câncer terminal de intestino e morreu em decorrência disso, pouco tempo depois dessa carta, em 22 de maio de 1960. Jung (2018c) soube de seu falecimento por meio de uma missiva enviada pela Madre Priora, escrita no mesmo dia da morte do Padre White. Entretanto, Jung já tinha sido prevenido pelos seus próprios sonhos a respeito da gravidade da enfermidade do Padre White, conforme se lê no trecho destacado anteriormente.

Os sonhos premonitórios de Jung com o Padre White sugerem que talvez eles constituam um caso de sonhos telepáticos, segundo sua descrição proposta em 1928, nos quais

[...] um acontecimento particularmente afetivo é antecipado “telepaticamente” no tempo e no espaço; aqueles, portanto, em que a importância humana do acontecimento (por exemplo, de um falecimento) por assim dizer ajuda a explicar ou pelo menos a compreender o seu pressentimento ou percepção à distância. (JUNG, 2020a, p. 214).

Conforme a citação acima, em 1928, Jung já havia observado a importância do papel do elemento afetivo que caracteriza a maior parte dos sonhos telepáticos. Em uma carta de 18 de fevereiro de 1953 dirigida ao Dr. Rhine, Jung (2018b) exprime que seu interesse pelas percepções extrassensoriais reside no fator emocional, o qual parece ser uma condição muito importante e decisiva para que ocorram as percepções extrassensoriais.

Normalmente (ainda que nem sempre) os casos espontâneos de PES acontecem sob circunstâncias emocionais (acidentes, morte, doença, perigo etc.) que despertam as camadas arquetípicas e instintivas mais profundas do inconsciente. (JUNG, 2018b, p. 278).

Na carta de 06 de julho de 1951, destinada ao Dr. med. St. Wieser, Jung (2018b, p. 194) explica o que acontece quando o fator emocional se apresenta: “[...] de acordo com a minha experiência, essas condições dependem sempre de alguma emoção. Toda emoção mais profunda tem uma influência rebaixadora sobre a consciência, o que Pierre Janet chama de “*abaissement du niveau mental*.” Assim, as emoções propiciam um “*abaissement du niveau mental*” que contribui para que conteúdos inconscientes emergjam. Nessa carta, Jung cita que em breve irá publicar seu ensaio sobre a sincronicidade e, neste, ele confirma a influência do fator emocional:

Todo estado emocional opera uma mudança na consciência, mudança que P. Janet chamou de “*abaissement du niveau mental*” (baixa do nível mental), isto é, há um certo estreitamento da consciência, acompanhado de um fortalecimento simultâneo do inconsciente [...] O tônus do inconsciente como que se eleva, criando facilmente um declive em que o inconsciente pode fluir para a consciência. (JUNG, 2020f, p. 40).

Em uma carta enviada ao Dr. John Smythies, em 29 de fevereiro de 1952, Jung (2018b) equipara os fenômenos parapsicológicos às coincidências significativas e associa o fator emocional e a relatividade do tempo e do espaço para explicar, resumidamente, a sincronicidade:

Na minha opinião, os fenômenos psi são contingências além da mera probabilidade, coincidências significativas, devido a uma condição psíquica especial, isto é, certa disposição emocional chamada interesse, expectativa, esperança, fé etc., ou uma situação emocional objetiva como a morte, doença, ou outras condições “numinosas” [...] Parece que o caráter coletivo dos arquétipos se manifesta também em coincidências significativas, isto é, como se o arquétipo (ou o inconsciente coletivo) não estivesse apenas dentro do indivíduo, mas também fora dele, ou seja, em seu meio ambiente, como se o emissor e receptor estivessem no mesmo espaço psíquico ou no mesmo tempo (em casos de precognição). (JUNG, 2018b, p. 220).

Complementando essas informações sobre a importância do elemento emocional, além da probabilidade, em uma carta a uma destinatária não identificada, em 12 de novembro de 1957, Jung (2018c, p. 119) expõe que “[...] os fenômenos que a senhora descreve como telepáticos acontecem quando se entra num estado emocional, isto é, quando o inconsciente tem oportunidade de entrar na consciência.”

O conhecido sentimento de “*déjà-vu*” (sensação do já visto) também foi objeto de atenção por parte de Jung, podendo ser observado nos sonhos, pois ele se baseia “[...] em uma precognição do sonho, mas vimos, também que esta precognição ocorre também no estado de vigília.” (JUNG, 2020f, p.114). Essa afirmação de Jung, que está em seu ensaio sobre a sincronicidade, pode ser verificada na resposta que ele dá a um jovem rapaz, chamado Dieter Meyer, que lhe escreveu descrevendo algumas situações que ele vivia.

Jung respondeu-lhe, em 26 de janeiro de 1959, dizendo que aquilo que o rapaz relatava parecia ser “[...] uma previsão real – seja num sonho ou simplesmente quando se está dormindo – de situações que em si são completamente triviais e das quais a gente não se lembra depois, mesmo que se tenha o ‘*sentiment du déjà vu*’”. (JUNG, 2018c, p. 188). Ademais, na mesma carta Jung salienta que os fenômenos de percepções extrassensoriais são frequentes e normais, além de que as pesquisas do Dr. Rhine confirmam cabalmente que o inconsciente está, em parte, fora das categorias de tempo-espço. Como se pode notar, é uma carta do final da vida de Jung e sua posição parece confirmar uma ligação entre suas ideias e os resultados dos experimentos do Dr. Rhine.

Além das percepções extrassensoriais pesquisadas pela parapsicologia, a ideia de previsão do futuro pode ser associada a oráculos e, para reforçar esse

ponto de vista, Jung convoca a filosofia chinesa. Assim, nota-se a influência de Richard Wilhelm e do *I Ching* na compreensão de Jung sobre a qualidade “oracular” dos sonhos. Nesse sentido, Jung (2018c) escreve sobre a semelhança entre os oráculos do *I Ching* e os sonhos ao responder ao Rev. W.T. Witcutt, em uma carta de 24 de agosto de 1960:

Desde 1924, fiz alguns trabalhos com o *I Ching* e o discuti com meu amigo, já falecido, Richard Wilhem, que tinha conhecimentos de primeira mão sobre ele. Como o senhor mesmo pôde constatar, o *I Ching* consiste de arquétipos legíveis e muitas vezes apresenta não só um quadro da situação atual, mas também do futuro, exatamente como os sonhos. (JUNG, 2018c, p. 281).

Por fim, a última carta de Jung selecionada para este estudo tem a data de 02 de novembro de 1960 e foi destinada ao pintor Peter Birkhäuser. Um aspecto curioso é que essa carta foi redigida no dia de Finados, sete meses antes de sua morte, e Jung (2018c, p. 300) escreve que “[...] como prelúdio da minha doença, tive o seguinte sonho [...]” sobre um chefe primitivo e um javali. Utilizando uma frase similar à de Jung, Von Franz (2011, p. 220) comenta que “[...] às vezes certos sonhos provocam uma sensação sinistra e lá no fundo a gente diz: “Umm...é um prenúncio de morte. Nesse caso, é uma sensação mais de natureza parapsicológica, mediúnica.”

Quanto ao estado de saúde de Jung, na última carta endereçada ao Padre White, em 30 de abril de 1960, ele demonstra seu apreço ao velho amigo, mas ressalta as limitações que a doença e a idade lhe impõem:

Ouvi falar de sua doença e teria gostado de ir à Inglaterra para vê-lo, mas devo cuidar da minha própria saúde e evitar todo excesso. Prestes a completar 85 anos, estou realmente velho: minhas forças estão bem limitadas. Em fevereiro tive uma leve embolia cardíaca, e meu médico é muito severo. (JUNG, 2018c, p. 252)

Jung faleceu em 06 de junho de 1961 em sua casa, em Zurique, em decorrência de enfartes e embolia pulmonar. Alguns anos antes, Jung (2018b) teve um sonho, que está relatado na carta 28 de maio de 1953, quando ele responde ao Dr. Kirsch em razão da morte de Toni Wolff. Nesse sonho, uma árvore é arrancada e Jung (2018b, p. 289) entende o símbolo da seguinte maneira: “[...] o arrancar da

árvore pode significar também a morte.” O fato intrigante é que, segundo o relato de Aniela Jaffé (1993 *apud* GUIMARÃES, 2004, p. 181), uma árvore do jardim de sua casa em Bollingen, sob a qual ele gostava de se sentar, foi atingida por um raio logo após a sua morte. Depois desse acidente, a árvore foi tratada e permanece viva.

Assim, supõe-se que, apesar da morte de Jung – que pode ser comparado a um semeador de ideias – sua obra continua viva e a produzir frutos como a árvore de seu jardim. Quanto às críticas que ele sofreu, faz parte da vida que elas existam, mas, no que tange àquelas injustas ou improcedentes, parece que fazem realçar ainda mais o valor de sua obra pois, como se diz, “ninguém atira pedras em árvore que não dá frutos”.

5.3 Discussão dos resultados

O material relativo aos sonhos telepáticos e precognitivos encontrado em *Cartas* sugere, de acordo com a análise das cartas selecionadas, alguns pontos a serem destacados.

O primeiro achado aponta que, de acordo com o índice analítico de *Cartas*, Jung não usa o termo “sonho telepático” em nenhuma de suas missivas. Há apenas uma carta, especificamente, em que Jung menciona “sonho precógnito” (carta a Erna Asbeck, de 07 de maio de 1947) e define qual o seu significado para ele. Esse resultado pareceu inesperado, mas, no entanto, há o uso do termo sonho premonitório, bem como de palavras como antecipação e previsão, que podem indicar esses sonhos. Assim, supõe-se que não seja unicamente o uso da palavra exata que pode servir de indicador para identificar se o tema dos sonhos telepáticos e precognitivos é tratado ou não nas *Cartas*. No entanto, embora o material das *Cartas* apresente essa limitação, os resultados sugerem que ele possa ser considerado como fonte suplementar para o conhecimento geral acerca dos sonhos.

O segundo ponto refere-se à concentração das cartas relacionadas a sonhos telepáticos e precognitivos nas duas etapas do método construtivo sintético correspondentes aos trinta anos finais da vida de Jung: “Revisão, ampliação e consolidação do paradigma” (1930-1949) e “Síntese final” (1950-1961), de acordo com Penna (2013). Durante essas etapas, Jung já era um homem maduro e

vivenciando a segunda metade da vida, porém, isso não significa que os sonhos telepáticos e precognitivos tenham sido um foco de interesse para ele apenas nessa fase da vida, pois, em uma carta de 1934, ele declara sua experiência pessoal com o estudo dos sonhos desde o início de sua carreira em 1900, além de que ele próprio teve vários sonhos desse tipo ao longo da vida e que influenciaram o desenvolvimento de suas ideias.

O terceiro aspecto das cartas indica que elas não trazem propriamente uma discussão teórica sobre os sonhos telepáticos e precognitivos, mas oferecem exemplos de sonhos premonitórios, inclusive do próprio Jung, os quais anteciparam eventos futuros, doenças e mortes envolvendo, principalmente, pessoas conhecidas e importantes na vida de Jung. Esses exemplos parecem confirmar a relevância da experiência pessoal de Jung com seus próprios sonhos para o desenvolvimento de seu trabalho e reforçam o papel do fator emocional nos sonhos telepáticos e precognitivos, conforme algumas cartas trocadas, sobretudo, com Dr. Rhine apontam. Sendo assim, as cartas com exemplos pessoais de Jung podem ser consideradas surpreendentes, pois agregaram informações interessantes sobre sua vida paralelamente à elaboração de sua obra.

O quarto item indica a conexão dos sonhos telepáticos e precognitivos com a física e a parapsicologia, ao Jung aproximar-se de cientistas desses campos de estudo e trocar cartas com eles a partir da etapa da “Revisão” (1930-1949). Através das cartas, o tema da antecipação de fatos pelo inconsciente sugere uma ligação dessa questão com as pesquisas sobre a relatividade do tempo e do espaço, tratada pela física, além de conduzir aos estudos da parapsicologia sobre as percepções extrassensoriais, com destaque para a precognição. Dessa forma, as discussões presentes nas cartas acerca tanto da relatividade do tempo e do espaço quanto das percepções extrassensoriais, mormente a precognição, aparentemente contribuíram para o desenvolvimento do conceito de sincronicidade exposto por Jung em 1952.

Frente aos resultados obtidos, o tema relativo aos sonhos telepáticos e precognitivos ainda constitui um campo de trabalho a ser deslindado e parece merecer maior aprofundamento e mais pesquisas na psicologia analítica para que sejam buscados mais esclarecimentos, sobretudo porque esses sonhos estão associados a experiências de percepções extrassensoriais, as quais são controversas e aceitas pela comunidade científica com certa resistência, como é

demonstrado pelas dificuldades que o próprio Jung enfrentou durante a sua jornada e o desenvolvimento da psicologia analítica.

Tendo em vista a limitação deste trabalho, supõe-se que a vivência pessoal de Jung com sonhos telepáticos e precognitivos sugere ter sido motivadora para a busca de uma explicação junto às pesquisas sobre percepções extrassensoriais, e o conceito de sincronicidade insinua que haja uma ligação com os fenômenos psíquicos. Assim como Jung incorporou suas experiências pessoais à elaboração de sua teoria, quem sabe os estudos da psicologia analítica possam se estender ao campo dos fenômenos parapsicológicos e ampliar o entendimento sobre os sonhos extrassensoriais.

A ilustração do início deste trabalho mostra a escada de Jacó, a qual pode simbolizar o conhecimento como uma escada que não tem fim. Sem dúvida, Jung construiu alguns degraus para que se possa seguir subindo, porém, embora ele tenha falecido há sessenta anos e Dr. Rhine há quarenta, tanto sincronicidade como percepções extrassensoriais continuam em um patamar da vanguarda da ciência atual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ocupar-se com os sonhos é uma espécie de *tomada de consciência de si*.”
(JUNG, 2020c, p. 160).

No excerto de uma carta dirigida à Dra. Jolan Jacobi, em 19 de agosto de 1946, Jung escreve o seguinte:

A senhora é muito sensível a mexericos. Assim que alguém se dedica à análise, torna-se objeto de boatos. Se eu tivesse dado ouvidos a isso, já estaria morto há muito tempo. É melhor continuar ouvindo os seus sonhos do que os cochichos dos lêmures (*sic*)²¹ humanos. (JUNG, 2018b, p. 45).

Tomei o trecho acima como um conselho de Jung para a tarefa de escrever este trabalho de conclusão de curso e procurei dar ouvidos ao que os meus sonhos diziam. Mais de uma vez, sonhei com o trabalho pronto e, durante o sonho, eu me via folheando e lendo as páginas digitadas antes mesmo de serem produzidas, pois ainda não estava escrevendo naquele momento da pesquisa. No sonho, as frases eram claras em minha mente, mas logo as esquecia ao acordar. Isso me infundiu confiança para perseverar trabalhando e ir na direção daquilo que já se encontrava “potencialmente pronto”, mas cabia a mim o esforço de trazer à consciência e materializar na escrita. Um sonho, em particular, impressionou-me bastante. Eu ouvia a voz de alguém, que eu não via, perguntando se Jung era austríaco, ao que respondi que devíamos indagar ao próprio Jung. Vi, então, a imagem de Jung sentado à margem do lago em frente à sua casa em Bollingen, que respondeu categoricamente à pergunta da voz oculta: “Sou suíço!”. Diante disso, ao refletir sobre o sonho, lembrei-me de que Freud era austríaco e Jung era suíço, porém, a intenção não era evidenciar suas nacionalidades, mas suas personalidades distintas e seus caminhos próprios que deram origem à psicanálise e à psicologia analítica, respectivamente. No entanto, tentando entender o sonho, associei a presença de Jung à minha opção pela psicologia analítica sendo que, inclusive, eu mesma sou suíça por causa do meu casamento, e o trabalho da monografia é um instrumento que serve para ratificar essa escolha, ou seja, esse “casamento”.

²¹ A palavra mêmures não existe, o correto é lêmures.

Embora este trabalho tenha requerido uma forte mobilização de energia, dedicação e muito trabalho, senti um grande prazer ao ler as *Cartas* e posso dizer que me diverti com a elaboração da pesquisa. Gosto muito de ler, tenho esse hábito desde a infância e, mesmo diante da tecnologia, ainda guardo minha preferência pelos livros tradicionalmente impressos. Adicionalmente, a diversão teve uma contrapartida de crescimento, pois a produção do trabalho me proporcionou uma oportunidade de conhecer Jung sob três aspectos. O primeiro foi o acadêmico, porque pude ler um pouco de Jung em suas obras completas. Essa é uma leitura inesgotável, mas imprescindível que se inicie a fim de adquirir algum repertório de conhecimento por meio de seu próprio autor e, como diz o sábio Lao Tsé, “uma longa caminhada começa com o primeiro passo”. O segundo foi o envolvimento com aspectos biográficos que contextualizam o trabalho de Jung e fornecem um acervo de passagens de sua vida que são paralelas e ligadas ao desenvolvimento de sua obra. Esse aspecto faculta entrar em contato com a ambientação e o “espírito do tempo” que cercava Jung. O terceiro ponto é diretamente relacionado às *Cartas*, que constituem um gênero de leitura particular, pois, embora elas tenham um cunho acadêmico, também apresentam um retrato de Jung menos formal e, em suas linhas, pode-se perceber tanto seu estado de ânimo como seu estilo de expressão. As cartas que se aproximam mais do final de sua vida denotam uma introspecção, não só pela idade e por seu estado de saúde, mas devido a uma demanda interior consoante com o processo de individuação em curso. Jung escreve ao Dr. Schmaltz, em 30 de maio de 1957:

Faço agora 82 anos e sinto não só o peso de minha idade e o cansaço correspondente, mas também a forte necessidade de viver conforme as exigências interiores dessa idade. A solidão é para mim fonte de água medicinal e que dá sentido à minha vida. Muitas vezes o falar me tortura e preciso de vários dias para me recuperar da futilidade das palavras. (JUNG, 2018c, p. 82).

Em suma, a situação que vivenciamos ao longo do processo deste estudo envolveu dificuldades, diante das quais esforço e persistência precisaram ser empenhados; no entanto, tais percalços foram compensados pelo prazer, satisfação e sentimento de crescimento ao final. De forma análoga a esse processo individual, com a investigação realizada nesta pesquisa almejamos produzir algum conhecimento que possa ser útil junto à sociedade e contribua para a ampliação da

consciência coletiva. Finalizamos este trabalho com uma carta de Jung agradecendo ao Embaixador da Suíça pelas felicitações por seu 85º aniversário, em que ele nos convida a refletir sobre o sentido daquilo que realizamos em nossa jornada de vida pessoal:

Um trabalho de toda uma vida é como um navio que a gente mesmo construiu, equipou, lançou à água, confiou ao mar, dirigiu a um destino e, então, como um passageiro que perdeu a viagem, ficou sentado à beira do cais, vendo a nave perder-se no horizonte. O que permanece é o que foi. (JUNG, 2018c, p. 275).

REFERÊNCIAS

FARIA D. L.; FREITAS L. V. de; GALLBACH M. R. (orgs.). **Sonhos na Psicologia Junguiana**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

FREUD, S. **Psicanálise e telepatia**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, S. **Sonhos e telepatia**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FREUD, S. **Sonhos e ocultismo**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GALLBACH, M. R. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2000.

GUIMARÃES, C. A. F. **Carl Gustav Jung e os fenômenos psíquicos**. São Paulo: Madras, 2004.

HALL, J. A. **Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática**. São Paulo: Cultrix, 2007.

HOPCKE, H. R. **Guia para a obra completa de C. G. Jung**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O.C. 8/2, Petrópolis: Editora Vozes, 2020a.

JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. O.C. 16/2, Petrópolis: Editora Vozes, 2020b.

JUNG, C. G. **Civilização em transição**. O.C. 10/3, Petrópolis: Editora Vozes, 2020c.

JUNG, C. G. **Cartas I**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018a.

JUNG, C. G. **Cartas II**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018b.

JUNG, C. G. **Cartas III**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018c.

JUNG, C. G. **Estudos experimentais**. O.C. 2, Petrópolis: Editora Vozes, 2020d.

JUNG, C. G. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1978.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. O.C. 17. Petrópolis: Editora Vozes, 2020e.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. O. C. 15. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. 5. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C. G. **Seminários sobre análise de sonhos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Seminários sobre sonhos de crianças**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

JUNG, C. G. **Sincronicidade**. O.C. 8/3. Petrópolis: Editora Vozes, 2020f.

MATTOON, M. A. **Como entender os sonhos**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

MIRANDA, P. O padre, o psiquiatra e o problema do mal. **Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1–32, 2021. DOI: 10.21901/2448-3060/self-2021.vol06.0002. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/139>. Acesso em: 26 out. 2021.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC: Fapesp, 2013.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

PIRES, J. H. **Introdução à Filosofia Espírita**. 4. ed. São Paulo: Editora Paidéia, 2005.

STEIN, M. **Sincronizando tempo e eternidade**. São Paulo: Cultrix, 2021.

VON FRANZ, M. L. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1988.

VON FRANZ, M. L. **Sonhos: um estudo dos sonhos de Jung, Descartes, Sócrates e outras figuras históricas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ANEXO A – Tabela das cartas acessórias (24 cartas)

VOLUME	PÁG.	DESTINATÁRIO	DATA	ETAPA	ASSUNTO
1	188	Prof. W. Pauli	29/10/1934	Revisão 1930-1949	John W. Dunne.
1	190	Dr. Pascual Jordan	10/11/1934	Revisão 1930-1949	Jonh W. Dunne.
1	193	Dr. J. B. Rhine	27/11/1934	Revisão 1930-1949	Relação tempo e espaço.
1	203	Dr. J. B. Rhine	20/05/1935	Revisão 1930-1949	Jung sente-se incompreendido pela comunidade científica.
1	266	Pastor Fritz Pfäfflin	10/01/1939	Revisão 1930-1949	Relatividade do tempo e do espaço.
1	326	Dr. J. B. Rhine	05/11/1942	Revisão 1930-1949	Telepatia e o tempo e o espaço.
1	331	Destinatário não identificado	06/01/1943	Revisão 1930-1949	Telepatia e relatividade do tempo e do espaço.
1	383	Dr. J. B. Rhine	18/09/1945	Revisão 1930-1949	Jung solicita que Dr. Rhine lhe formule perguntas.
1	398	Dr. J. B. Rhine	Nov. 1945	Revisão 1930-1949	Respostas de Jung sobre relatividade do tempo-espaço e precognição.
2	102	Dr. Pascual Jordan	01/04/1948	Revisão 1930-1949	Parapsicologia e relatividade do tempo e o do espaço
2	194	Dr. Med. St. Wieser	06/07/1951	Síntese final 1950-1961	Fator emocional.

2	209	Erich Neumann	05/01/1952	Síntese final 1950-1961	Publicações de <i>Resposta a Jó e Sincronicidade</i> .
2	218	Dr. John R. Smythies	29/02/1952	Síntese final 1950-1961	Precognição, fator emocional, relatividade do tempo e do espaço, e sincronicidade.
2	278	Dr. J. B. Rhine	18/02/1953	Síntese final 1950-1961	Percepções extrassensoriais (PES) e fator emocional.
2	297	Dr. J. B. Rhine	25/09/1953	Síntese final 1950-1961	Relatividade do tempo e do espaço.
2	345	M. André Barbault	26/05/1954	Síntese final 1950-1961	Precognição e causalidade.
2	350	Dr. J. B. Rhine	09/08/1954	Síntese final 1950-1961	Precognição e telepatia.
2	381	Father Victor White	19/01/1955	Síntese final 1950-1961	Jung queixa-se da idade e fala da publicação de <i>Mysterium Coniunctionis</i> .
2	450	Erich Neumann	15/12/1955	Síntese final 1950-1961	Diagnóstico e morte de Emma Jung.
3	53	Dr. H. J. Barret	12/10/1956	Síntese final 1950-1961	Vida após a morte e relatividade do tempo e do espaço.
3	115	Stephen Abrams	21/10/1957	Síntese final	Relatividade do tempo e do espaço e precognição.

				1950-1961	
3	118	Destinatária não identificada	12/11/1957	Síntese final 1950-1961	Telepatia e fator emocional.
3	252	Father Victor White	30/04/1960	Síntese final 1950-1961	Jung fala da idade e sobre sua doença.
3	256	Destinatária não identificada	30/05/1960	Síntese final 1950-1961	Precognição e telepatia.

FONTE: A autora, 2021.